This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

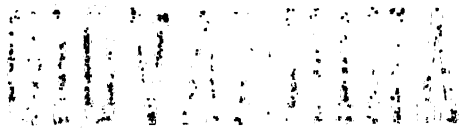
We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

STANFORD UNIVERSITY LIBRARIES

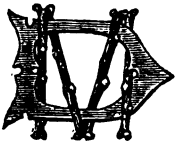


GIOVANNINA

Affonso Celso
Figueiredo, conde de Affonso Celso.

AFFONSO CELSO

GIOVANNINA



RIO DE JANEIRO
DOMINGOS DE MAGALHÃES, EDITOR
LIVRARIA MODERNA
54, Rua do Ouvidor, 54

1896

PQ 9697
A29 G5

A

Raymundo Corrêa,

Em signal do muitissimo que o admira e do muitissimo que o estima, offerece

O AUTOR.

Alto da Serra de Petropolis,
6 de Maio de 1893.

[redacted]

ALFONSO CELSO

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

GIOVANNINA

as innundações... As innundaçõe
insidiosas e terriveis innundações,
medos immerecidos do diluvio...
midos e amigos regatos transforma
de chofre em furiosas torrentes ; s
allucinados de seus leitos ; deva
num minuto o fructo do trabalh
longos annos,—canaes, diques, est
plantações ; submergem aldeias int
invadem o misero lar dos campon
expellem do derradeiro refugio, qu
desde logo não os afogam, velhos,
lheres, crianças tiritantes; inutilisa
destróem tudo quanto os desgra
ajuntaram; não poupam as mais
gradas reliquias ; deixam, por fim,
vestigio da sua passagem, um est
de lama donde brotam os miasm
typho. Tens razão, Benedetto, ho
terra, horrivel vida !

GIOVANNINA

Oh ! nossa terra é bella ! A
agradece a Deus a existencia com

beneficio e um gozo, quando, em manhã clara, contempla da torre de uma cathedral antiga a infinita planura, fecundada por incessante labor, e pontilhada de cidades e cidades, cheias de tantas e tão gloriosas recordações. Dize tu, Gualtiero, tu que és sabio, tu que lês tudo, dize quão formosa é a nossa patria!

GUALTIERO

A Italia é formosa, em verdade. Outorgou-lhe a sorte, na frase do poeta, o dom infeliz da belleza. Cada uma das suas cidades representou outr'ora um estado soberbo; cada uma representa ainda agora um escrinio de maravilhas.

Para possuil-as, tremendas, batalhas feriram os povos, através das idades. As nossas planicies têm bebido o sangue misturado das mais desencontradas raças. Durante seculos, fixou-se aqui o centro do mundo, onde, imperadores e

reis recebiam a indispensavel investidura de seu poderio. Subsiste em Roma o mais absoluto soberano do globo, o que reina sobre maior numero de consciencias,—encarnação da divindade, proclamado infallivel. Na arte, na sciencia, na politica, na religião, na guerra, gerou a Italia phalanges de genios, de heróes, de santos. Falassem as coisas e cada recanto da paizagem pittoresca, cada grão de poeira do sólo legendario poderia evocar um monumento, celebrar um grande nome, rememorar um nobre feito. De que servem, porém, tamanhas tradições?! Presentemente, a Italia, como aliás a Europa inteira, debate-se no infortunio e na iniquidade. Mas a nossa desgraça avulta exactamente por estarmos rodeados de primores e luminosas recordações. Somos todos uns infelizes, ou antes uns espoliados, umas victimas. Enormes entre nós, só comparaveis ás da India, as agglomerações de proletarios. O privi-

legio e o monopolio extorquiram o espaço habitavel á gente necessitada e aos proprios animaes. Ah ! si conscientes de seu direito e de sua força, as multidões despojadas quizessem reagir...

GIOVANNINA

Ouvi contar que, em certas regiões, ante a procura implacavel da população faminta, desappareceram os passáros. Que maior miseria do que um bosque ermo de ninhos, orphão de andorinhas e rouxinóes !...

BENEDETTO

Todos os campos productivos pertencem a ricos proprietarios que vivem ociosos nas metropoles, emquanto para lhes sustentar as festas, os cultivadores se exaurem em infernal afan ! Sempre em territorio alheio, labutando annos e annos, do alvorecer ao sol posto, da infancia á decrepidez, jámais alcança um desses miseros um palmo de terra do

qual diga : é meu! Tristes servos perpetuos, só por escarneo se ousa affirmar que somos livres. Quão mesquinhos e incertos os salarios! Sommai o que pai, mãi, filhos diligentes e economicos consigam accumular durante as estações propicias. Mal chegará para o sordido pão, feito de massas avariadas. Nada restará para roupa, mobilia, remedios. E não fálemos no fisco inflexivel, nem nas penhoras, nem nas prisões, nem no serviço militar obrigatorio! .. Bemaventuradas as crianças que por ahi expiram á mingua, centenas e centenas... Horrivel terra, horrivel vida!

GUALTIERO

Com um pouco de afouteza, taes males se esvairiam. Remedio, conheço-o eu...

BENEDETTO

Alludes ás tuas idéas de renovação social. O meu bom senso, a minha reli-

gião, os meus precedentes repellem taes idéas. Não passam de perigoso engodo, de que resultará aggravação da nossa desventura. O remedio é diverso, e, depois de muitas cogitações, decidi-me a experimental-o.

GUALTIERO

Qual é?

BENEDETTO

Emigrar; deixar a patria ingrata, em busca de outra mais benigna; imitar o exemplo de milhares de patricios nossos, toda uma aldeia ás vezes, que mudam de sorte e vão plantar além do oceano os seus lares. A Suissa, Londres, a Algeria, a Turquia, o Egypto offerecem taboas de salvação a multidões de naufragos da miseria. Lá, elles renascem á vida, levantando, por meio de auxilios que remettem, as forças e a esperança dos que não se atreveram a partir tambem.

GUALTIERO

Nos paizes apontados grassa igualmente a iniquidade publica. A enfermidade é geral e profunda. Nada importa ao enfermo trocar de leito, se persistem as dores.

BENEDETTO

Escuta. Ha, segundo informações seguras, na banda opposta do oceano, na America, um paiz tão extenso como a Europa e onde tudo parece regido por leis differentes das d'aqui. Chama-se Brazil. Divide-se em provincias mais vastas do que a Austria, abrigando menos moradores que Napoles ou Milão. Emquanto trememos friorentos, explende lá o estio. Regressa para nós o verão; pensais que o inverno assoberba então esse paiz?! Engano. Lá não se conhecem rigores de inverno. Reina perpetua a primavera. O clima trata sempre os habitantes com caricias de amigo. Faz o mesmo a terra abençoada; milho, ce-

reaes, frutas de qualquer especie, batatas, tudo se desenvolve alli prodigiosamente. Póde-se comer pão alvo duas vezes ao dia. A lenha nada custa. Tão abundante, que para tel-a á vontade, basta apenas o trabalho de apanhal-a...

ISABELLA

E' então o paraizo ? !

LUIGI

(*despertando de novo*)

Tenho fome .,sinto frio...

ISABELLA

Dorme, meu filho.

BENEDETTO

Queres partir, Luigi, para uma terra onde não haja fome, onde nunca se sinta frio ? !

LUIGI

Partamos depressa, partamos...

BENEDETTO

Eis pela bocca da innocencia a voz da razão. Naquella zona, valles immensos, suaves montanhas, de facil accesso,

povoadas de mattas virgens, aguardam a mão do cultivador. Rios magnificos rolam magestosos e serenos, sem jámais se enfurecerem, através planicies de inaudita fartura. O trabalho solicita o homem, em vez de andar o homem à cata do trabalho. Minas de ouro, jazidas de diamantes opulentam o sòlo. Novas industrias em cada canto se organizam. O fisco é benigno. A lingua falada parece irmã da italiana. Religião, modo de trajar, costumes, similhantes aos nossos. O arroz é silvestre em alguns lugares. O milho produz na razão de 200 por 1. Não ha outro esforço sinão o de plantar e colher toda a sorte de legumes. Quem não esbanjar o que adquirir, contará com a abundancia, a influencia, a riqueza infalliveis. Em pouco tempo, tornar-se-à dono de leguas e leguas de terrenos fecundos.

ISABELLA

E' maravilhoso!

BENEDETTO

Maravilhoso, sim. Accrescentai : Gente de extraordinaria bondade, ordem inalteravel, paz absoluta. Existem sociedades encarregadas de proteger especialmente os emigrantes.

ISABELLA

Mas como realizar a viagem, se nos fallecem recursos e grandes dividas nos acabrunham ?

BENEDETTO

De tudo me inteirei. O emigrante encontra em qualquer porto passagem gratuita. Chegando a seu destino, nenhuma obrigação o constrange. E' livre de escolher a seu talante meio de vida. Artistas como tu, Gualtiero, acham mil fórmas de applicar a actividade. O governo vende a credito ao recem-chegado, por preços infimos, lotes demarcados de excellentes terras. Aloja-o, fornece-lhe alimentação, até que elle se empregue. Proporciona-lhe transito nas estradas

de ferro. Não raro lhe concede auxilio pecuniario. As leis conferem favores especiaes a quem leve familia, como eu. Lá, Isabella, realizaremos o sonho antigo de habitarmos em casa nossa, no meio de um campo nosso, onde pastem rebanhos nossos. Partamos...

ISABELLA

Seria a felicidade. Mas acho o quadro bello de mais.

BENEDETTO

Partamos... Quando menos, contemplaremos espectaculos novos e lindos. Nossa situação melhorará, porque não lhe é possivel peiorar. De lá nos chamam de braços abertos, aqui nos expellem e maltratam. Que futuro teràs aqui Giovannina, boa e pobre como és; e tu, Gualtiero, cuja intelligencia radiante de sonhos, mandei educar, a custa de tamanhos sacrificios; e tu, Luigi, que tão pequeno, jà padeces fome e frio, qual se houveras praticado algum cri-

me?! Levareis todos a mesma vida de desgraças que eu tenho arrastado, marcando monotonos passos num carcere sem ar e sem luz. Partamos. Que de radiantes promessas no horisonte!

ISABELLA

Si é tua vontade, partamos... Como sabes, sempre me resigno.

BENEDETTO

Que dizes, Giovannina, tu que és a moderação, a calma, a lucidez?

GIOVANNINA

Partamos. Uma voz secreta me aconselha a partir.

GUALTIERO

Mas celebravas, ha pouco, a belleza da Italia, Giovannina.

GIOVANNINA

Amas tua mãi e amarás tua esposa. Não deixarei de amar a terra do meu berço, embora outra me attraia.

BENEDETTO

Partamos. Reduzamos a dinheiro o que nos não fôr indispensavel. Liquidemos a vida antiga e encetemos nova. Mas porque tão sombrio aspecto, Gualtiero? Que pensas tu?

GUALTIERO

Parti vós, se o desejais. Eu ficarei.

BENEDETTO

Porque não nos acompanharás? Olha que breve te empolgará o serviço militar, que tanto repugna aos teus principios. Lá poderás alargar os estudos em que consomes as noites e ver talvez effectuados os projectos de reforma que te escaldam o cerebro.

GUALTIERO

Não, meu dever é ficar.

ISABELLA

Pois deixarás partir toda a tua familia e permanecerás numa região, cujas vexações te causam indignação e revolta constantes?!

GUALTIERO

Parti, vós outros; a mim cumpre-me ficar. Não vos desaconselho, nem condemno. Só pedras brutas quedam fixas no sólo. Os irracionaes emprehendem excursões remotas; as aves emigram. Ao homem impellem-n'o por incognitas veredas influxos poderosos e diversos: Curiosidade, espirito de aventura, sede de ouro, ambição fallaz de conhecer e dominar amplas estensões do planeta. Em todas as phases da historia, a corrente humana se desloca de um ponto para outro, à procura de um bem nunca attingido. Modernamente, os males se avolumaram. Multiplicaram-se as facilidades de communicação; o movimento migratorio se accelerou e cresceu. Demais, o preconceito de patria vai se evaporando. Não existe patria, não ha fronteiras entre os povos sinão as instituidas pelos exploradores para mais a seu geito violentarem a plebe ignara.

BENEDETTO

Partamos, então.

GUALTIERO

Não. Parti, si o quereis. Eu devo ficar.

BENEDETTO

Não te comprehendo. Ficar porque?

GUALTIERO

Porque si entre nós o povo suffoca sob os gravames, si não dispõe de garantias de vida, si escasseia trabalho para lhe prover as necessidades, si a miseria o tortura, si o Estado lhe suga as forças, provêm tudo da tyrannica organisação actual. Contra essa organisação repugnante urge protestar e reagir. Tenho lido os prospectos capciosos em que as nações do novo mundo, precisadas de braços, aguilhoam a cobiça das classes inferiores da Europa, agitando miragens seductoras diante de olhos molestados pela natureza e pelos governos, alliciando os desherdados com

esperanças de vantagens que elles nunca ousariam sonhar. Perfidas armadilhas! Illusão! Mentira! Os males hão de resurgir em taes nações, como epidemias de que para ellas se transportassem os microbios. Basta lembrar que o principal chamariz consiste nas facilidades da acquisição da propriedade, da vil propriedade, fonte das desigualdades, roubo organisado, germen universal dos vicios. O captiveiro, a iniquidade hão de recomeçar lá, sob outras fórmas, porventura mais duras. Não! Meu dever é ficar.

BENEDETTO

Ficar porque, para que?

GUALTIERO

Partir importará covardia para quem póde lutar, como eu. Aqui é o sitio por emquanto mais arriscado. Parti vós, os carecedores de estimulos para o santo combate. Quanto a mim, imitar-vos significaria ignobil deserção. Permane-

cerei contente no meu posto de honra e de glorioso sacrificio talvez.

ISABELLA

Luta... combate... sacrificio... que terriveis palavras, meu filho!

GUALTIERO

A sociedade está infamemente organisada. Cumpre reconstruil-a a ferro e fogo. Trata-se de gigantesca operação cirurgica. E' preciso levar pelo terror, desbaratar sem dó, os dominadores, directores, tutores, pseudo-bemfeitores, todos os privilegiados, associações ou individuos, officiaes ou officiosos que impedem a milhões de seres humanos o respirar em liberdade... Morte... morte...

ISABELLA

Detestaveis idéas! Ouviste-as, sem duvida, a algum doido miseravel.

GUALTIERO

São o evangelho de um fidalgo e de um santo: Bakounine. Prega-as um principe e um sabio: Kropotkine.

ISABELLA

E foi para que as adquirisses que te fizemos educar na cidade, com tamanho custo, procurando dar-te instrucção superior á nossa ? !

GUALTIERO

Maldita sciencia, maldita instrucção toda aquella que não ministrar meios de destruir. Antes a rude e salutar ignorancia.

ISABELLA

De tão hom e tão meigo que eras, tornaste-te um descontente, um exaltado...

GUALTIERO

Iniciei-me na verdade. Sou partidario da anarchia, da sublime anarchia.

BENEDETTO

Que vem a ser a anarchia?

GUALTIERO

E' um estado em que não haverá nem governo, nem dominio, nem posse, nem fortes nem fracos, nem pobres,

nem anormalidades, nem espoliações. E' o nivelamento absoluto. O torpe capital será eliminado. Supprimir-se-ão todas as leis, todos os preconceitos, todas as normas religiosas, economicas, administrativas, politicas, todos os velhos apparelhos de compressão. O contracto social não passa presentemente de uma fraude ignominiosa, malha ferrenha de clausulas absurdas e despoticas, em proveito de um grupo e detrimento da maioria. A anarchia rasgal-o-á; não deixará pedra sobre pedra na Bastilha de usurpações erigida, ha seculos, com sangue e lagrimas de gerações e gerações de victimas. A terra voltará a ser raza e virgem.

BENEDETTO

Como alcançal-o?!

GUALTIERO

Por todos os meios de represalia, pela reacção assidua, pelo protesto permanente, pela propaganda, por meio do

facto, que enrija os musculos da destruição e intimida os nervos da resistencia. Hão de baqueiar, sem excepção, os despotismos: O da riqueza, o dos exercitos, o da autoridade, o de Deus.

ISABELLA

Deus! E's inimigo de Deus! Oh! Gualtiero! Blasphemas, meu filho!

GUALTIERO

Deus é o mal, como a propriedade é o roubo. Deus, si existe, é o maior dos tyrannos. que persegue e deixa perseguir, parecendo aprazer-se com o padecimento dos perseguidos. Nobre e legitima a revolta contra esse autocrata supremo, omnipotente e mysterioso! Tanto mais nobre quanto elle é o maior.

ISABELLA

Basta,.. basta... Tremo toda. Divina Madona, perdoai-lhe!

GUALTIERO

Vergais ao jugo de uma moral estreita e estupida. Guerra implacavel contra ella. Eis o unico criterio: Tudo quanto favorece a revolução, é moral; —immoral tudo quanto a embarga. Não se conheça outro fim, outra sciencia, outro ideal, outro interesse, outra actividade sinão a revolução demolidora. O punhal, o veneno, o incendio, a dynamite constituem preciosos utensilios. A revolução justifica e santifica os mais vehementes excessos.

BENEDETTO

Preconisas o assassinato, toda a casta de crimes... Não falas sério, de certo. Invejarás a sina do salteador?!

GUALTIERO

Bakounine o ensina: O crime é um meio de restauração social. No salteador ha um vingador popular, inimigo irreconciliavel da propriedade, genuino

revolucionario activo, um consagrado, portanto à grande obra.

BENEDETTO

Não falas sério, repito. E' mais do que indigno e cobarde o que apregoas.

GUALTIERO

Indigno, cobarde, porque?! Desprezamos e odiamos a sociedade. Declaramos-lhe guerra sem tregoas, duello de morte a cada instante. Na guerra todos os ardis, todas as surpresas, todos os golpes são licitos. Não legitimais a gloria militar, as batalhas contra estrangeiros e mesmo as travadas em dissenções civis, não divinizaes os homens que, à frente de exercitos, invadem e destroçam paizes inimigos, sob futeis pretextos, questiunculas politicas insignificantes?! O nosso inimigo é a sociedade. Usamos do mesmo direito de que usaram os heróes da historia, com a differença de que a nossa causa é mais justa, mais profundas as nossas razões

de combater, e somos um punhado de guerreiros, isolados, a peito nú, atacando fortificações formidaveis — os immensos recursos de defesa e aggressão accumulados pela prepotencia de infinitas idades. Não obstante, havemos de vencer... havemos de vencer... Primeiro na Europa; depois no mundo.

BENEDETTO

Sereis vencidos. Colligar-se-ão contra vós governos, interesses, instinctos de conservação...

GUALTIERO

Venceremos, porque somos a abnegação, a ousadia, a fé. Constituiremos igualmente allianças internacionaes, empregaremos meios secretos. A sciencia nos auxilia. Observai os recentes inventos e descobertas: predominam os elementos de destruição. Sim! A destruição universal, a pandestruição, o amorphismo completo. Anniquilemos a estructura actual. Si poupassemos uma só institui-

ção, germinaria della, como de semente maldita, a floresta inteira das iniquidades vigentes.

ISABELLA

Fazes medo. As tuas idéas corroboram a nossa resolução de partir.

GUALTIERO

Parti; ninguem vos obriga a collaborar na acção.

BENEDETTO

E, depois de tudo derrubar, que praticareis vós, que collocareis no espaço coberto de ruinas?!

GUALTIERO

O futuro?! Insensato quem perde tempo a cogitar do futuro incerto. Raciocinios sobre o porvir são criminosos, porque amollentam e retardam a destruição pura e simples. Ao verdadeiro revolucionario não o detêm reflexões, conjecturas, negocios, sentimentos, familia.

ISABELLA

Nem a familia?

GUALTIERO

Nem a familia. A revolução absorve exclusivamente o revolucionario. E' um sacerdocio intransigente. Nada de laços de parentesco, de amizade, de amor,—germens de fraqueza e hesitação. Devemos andar sempre preparados para arrostar o martyrio, para matar e morrer.

GIOVANNINA

Não amas então a tua mãi e a tua irman?!

GUALTIERO

Mais vos amaria si commungasseis commigo! Quando iniciadas, as mulheres cooperam preciosamente na sagrada tarefa, pois se dissimulam melhor, desvendam segredos, aprestam, como nenhum homem, o geral arrazamento. Já que não quereis ou não podeis trabalhar

a meu lado, parti depressa. Aqui me estorvareis.

BENEDETTO

Partamos, sim. Isto acabará mal... acabará mal.

LUIGI

Tenho fome.... tenho frio... Partamos... partamos.

GIOVANNINA

No fundo do que sustentas, Gualtiero, ha talvez coisas justas e verdadeiras. Segundo asseveram, o temporal que no mar causa os naufragios e em terra afoga o dia em turbilhões de poeira, o terrivel temporal purifica o ambiente e excita o desenvolvimento das plantas. Após elle, as flores ostentam mais viço e perfume, redobra a transparencia do céu. Mas eu sou como avezinha imbelle que abre as azas e foge, mal presente a colera dos ventos. Quem me dera ter essas azas tão largas

fortes que te abrigassem e carregassem para bem longe do temporal!

GUALTIERO

Boa e doce irman! Segue o teu destino; deixa que eu siga o meu. Os antigos consideravam o destino a divindade superna, cega e insuperavel. Homens e deuses não podiam esquivar-se à sua lei.

ISABELLA

Mas, si partirmos sem ti, Gualtiero, não te esquecerás de nós. Escreverás de vez em quando. Não é assim, meu filho?

GUALTIERO

Oh! tereis noticias minhas... tereis noticias minhas.

QUADRO SEGUNDO

O grande navio debate-se nas ondas, parecendo que nunca ultrapassa o centro do circulo formado pelo céu e o mar. O firmamento cobre o oceano como campanula immensa. Dentro dessa campanula, dir-se-ia que, similhante a um insecto prisioneiro, o paquete doudeja, num ponto unico do movediço pavimento verde, tentando em vão approximar-se das curvas paredes azues.

Centenas de emigrantes se agglomeram na prôa :— jovens, velhos, mulheres, crianças, promiscuamente, sentados no convez, encostados á amurada ou ao mastro, debruçados sobre as aguas, estendidos resupinos em cima de rolos de cordas. Descascam estes batatas e frutas ; jogam aquelles dados ou cartas, acocorados ou de bruços, um dos cotovellos fincado no chão ; conversam terceiros, fumando ; mulheres cozem, a cantarolar; lavam outras em pequenas bacias peças de roupa que seccam expondo-as ao vento ; outras dão de mamar a recem-nascidos ; meninos brincam ás soltas, tropeçando nos corpos que atulham o ambito escasso ; anciãos dormitam ou scismam, immoveis, ao sol. Ali um marcineiro acepilha com um canivete tóros de madeira ; acolá, em meio de um grupo, um adolescente toca uma sanfona. Alguns enjoam ainda, a face livida e decomposta. E, dissimulando-se a um canto, exuga lagrimas uma rapariga, a ler e relér amarrotada carta.

Indescriptivel variedade de typos, de trajos, de dialectos ! Ao lado de individuos altos, membrudos, aloirados, feições germanicas, notam-se descendentes de etruscos, curtos e grossos, espadoas vigorosas, craneo deprimido, coberto de

negro cabello ondeado. Physionomias angelicas a par de caras patibulares: rostos de Madona, de Minerva, de apostolo, de nazareno, de salteador; a nobre serenidade da figura grega, o apaixonado aspecto da arabica,—traços irregulares e cheios de expressão, infantes de boca fina, olhos amplissimos de extraordinario brilho. Com representantes da Emilia, de semblante energico, revelando paixões vehementes e força para servil-as, perfis de heroés e de criminosos, emparelham toscanos graciosos e amaveis, maneiras mansas, denotando amor á arte e á vida, ou napolitanos que pulam e gritam numa desencontrada série de espectaculosas impressões. Filhas de Basilicata, airosas, soberbas de esbelteza e agilidade, ou delicadas e esquivas naturaes de Bagnara, contrapõem-se ás pesadas e desenvoltas mulheres de Cardeto, munidas de tetas abundantes de amas de leite. Os que nasceram em portos olham familiarmente as ondas; os oriundos das montanhas ou da beira dos lagos não cessam de admirar, entre medrosos e encantados, a agitação perpetua da immensidade liquida. Ha singulares roupas de velludo, corpetes de alamares, orelhas masculinas com brincos, chapéos desabados providos de plumas, polainas de couro pregadas às calças, enormes cordões de ouro segurando veronicas, barbas intonsas, cabelleiras femininas opulentas, dispostas numa infinidade de trancinhas. Trouxas e bahús escancarados exhibem um mundo de objectos e utensilios domesticos.

Pelos orificios das escotilhas, donde pendem ingremes escadas e saem emanações acres, lôbrigam-se na penumbra da coberta, como num subterraneo, vultos de gente prostrada em redes ou nas apertadas gavetas dos beliches.

Longe, para a popa, divisa-se um official trepado no passadiço, a passear, empunhando o binoculo com que de minuto a minuto consulta o horizonte; e, em baixo, damas e cavalheiros de primeira classe reclinados preguiçosamente em cadeiras de lona.

Rumores trepidantes se emmaranham no ar. Prevalece a palpitação marulhosa da helice. Aragens assobiam de vez em vez nas cordagens. E o navio caminha sempre, carregando aquelle desordenado exercito de profugos da miseria, levados da esperança, o guia temerario e fallaz. Lá se vão á conquista do futuro duvidoso. Serve-lhes de flammula a fita de crepe que a fumaça desenrola no espaço e da qual se esgarçam e pairam flocos esparsos, lembrando plumas caidas de gigantesco passaro preto.

Isabella, a costura no regaço, boceja de tedio. Benedetto, ao lado della, folheia um guia de emigrantes. Giovannina penteia carinhosa o cabeilo a Luigi.

ISABELLA

Faz vinte longos dias que partimos. Sempre mar e sempre céu. Nunca imaginei que houvesse tanto céu e tanto mar.

BENEDETTO

Não tarda o fim. Hoje mesmo talvez avistaremos terra. Felizmente o tempo abonançou.

ISABELLA

Si continuasse como em começo, eu morreria; morreriamos todos. O terrivel enjôo, esta vasta reunião de desgraçados, a falta de commodos, a mu-

dança de habitos, a dôr d'alma por haver abandonado tudo quanto até agora nos fôra caro...Oh! Como soffri! Quantas vezes amaldiçoei a hora em que deliberamos partir e roguei á Immaculada Madona, cuja imagem não me deixa, que acabasse de uma feita com a nossa existencia de supplicios!

BENEDETTO

O peior está passado. E, graças a ti, Giovannina, não fomos dos que mais padeceram. Que energia, que calma, que bondade a tua! Pareces um marinheiro velho, tu que jámais sairas do lar! Sem ti, não sei o que seria de nós, acabrunhados como ficamos nos primeiros dias. E não fôste util sómente a nós. A todos os emigrantes tens prestado serviço, auxiliando a uns, consolando a outros, distraindo as crianças, até interpretando queixas perante o commissario, tão brutal por indole, e que apenas a ti escuta a sorrir. Não ha quem

te não adore. E' um milagre o como entendes os varios dialectos que aqui se falam. Denominam-te a providencia de bórdo, e, com effeito, possues o condão, que ninguem suspeitava, de dominar num relance vontades e corações.

GIOVANNINA

Como é exagerado o amor paternal! Nada pratiquei que mereça louvores, pois satisfiz apenas, sem reflectir, os meus instinctos, melhorados pela educação que me destes.

BENEDETTO

Encheste-me de alegria e orgulho. Pudesse eu dizer o mesmo de teu louco irmão que ficou e a quem facultei educação superior á tua!

ISABELLA

Pobre Gualtiero! Apezar da frieza com que se separou de nós e da teimosia de querer ficar, não me esqueço delle um segundo. Innundam-se-me os olhos

d'agua ao recordal-o tão intelligente, tão bravo... Que estará elle fazendo? Que estarà elle fazendo? Tremo, ao pensar em suas idéas revolucionarias. Aquillo passarà. No fundo, elle é meigo, justo, puro! Meu querido filho!

BENEDETO

Cumpra-se o seu destino, como elle proprio disse. E' homem e tem instrucção; abrirà caminho por si sò. E tu, Luigi, tens gostado do nosso passeio?

LUIGI

Tenho gostado muito. O navio é como um palacio que se mexe. E' pena somente que nesse palacio não haja arvores e flôres.

GIOVANNINA

E' mais do que um palacio, é uma cidade que anda. Encontram-se aqui os successos, as paixões, as desigualdades, os recursos que presumo existirem numa vasta capital. Nascimentos, obitos tem occorrido. Uma cidade suspensa sobre

um abysmo! Nas noites sem somno, ponho-me a meditar no como somos pequenos miseraveis e, todavia, ditosos! Abrisse um pouco as fauces, num espasmo raivoso, o monstro que nos carrega em seu dorso, e nos tragaria a todos, cidade e habitantes, mais facilmente do que tu, meu guloso Luigi, costumas engolir uma cereja.

ISABELLA

Nada menos de nove pessoas têm aqui expirado, depois que partimos. Como é lugubre vêr os cadaveres, amortalhados de saccos, pesos enormes nos pés, arrojados ás profundezes incognitas! Nos cemiterios pullulam os vermes, mas as ossadas repousam ao lado umas das outras. Junta-se aqui ao horror da morte o horror da solidão. Que coisas tenebrosas occultará o seio do mar?

BENEDETTO

Em compensação, uma meia duzia de creaturinhas despontou aqui á luz do

dia. Curiosas essas! Nunca lhes será dado assignalar o ponto exacto onde tiveram o berço. Assistiria razão á Gualtiero no affirmar que a idéa de patria não passa de uma ficção? !

GIOVANNINA

Mas quanto espectaculo novo, quantas scenas maravilhosas nos têm tornado a vida mais digna de viver! Um prodigio a cruz de estrellas que contemplamos, ha algumas noites, no firmamento! Olhando para ella, parece á gente que a natureza inteira offerece as consolações divinas de um templo.

ISABELLA

Feliz genio o teu, minha filha! Não desanimas nunca. Tu'alma é um setim brando e forte, com uma orladura de ouro :—a fé.

GIOVANNINA

Confio em Deus, confio no porvir. A nova terra nos será propicia.

ISABELLA

E já pensaste, Benedetto, no que faremos ao desembarcar?

BENEDETTO

Estava exactamente estudando isso neste livro. Ao desembarcar, disporemos de hospedaria gratuita por alguns dias. Partiremos depois para o interior, onde o clima é mais benigno e mais generosa á remuneração. Na propria hospedaria, ha grande procura de serviços. Iremos empregar-nos em alguma vasta propriedade agricola, chamada fazenda. Na fazenda, o dono dar-nos-à casa de morada e adiantamento de dinheiro para comprar um cavallo, uma vacca e os generos de primeira necessidade. Ao cabo de curto prazo, não precisaremos sinão de assucar e sal, pois produziremos tudo o mais.

ISABELLA

Mas qual a nossa occupação?

BENEDETTO

Trataremos da cultura do café, tarefa suave e facil comparada com as da Europa. Só se trabalha para o patrão durante certos mezes. Sobeja tempo para cada um cuidar de si. Vive-se em perfeita independencia. Possuirás uma criação de aves domesticas de que tanto gostas, Isabella; um pomar, tu, Luigi; um jardim, tu, Giovannina. Na colheita trabalharemos em commum e ganhará toda a familia. Até o pequeno Luigi ajuntará o seu peculio. Ha outras collocações para o emigrante. Prefiro, porém, a da fazenda porque, sem nada despender, auferiremos lucro desde logo, adquiriremos conhecimento do paiz, nos habituaremos aos usos e ao clima. No fim de um anno, seremos tambem proprietarios ou procuraremos, à vontade, posição melhor. Que achas Isabella?

ISABELLA

Repito o que constantemente digo: acho bello de mais. Receio o despertar amargo de um sonho insidioso. Sempre peccaste por credulo e confiante em extremo, Benedetto.

BENEDETTO

E tu por demasiado desconforto. Para que palavras de desalento quando mal encetamos vida nova? Empresta á tua mãi um pouco de tua coragem e de teu bom humor, Giovannina.

ISABELLA

A tua vontade, Benedetto, sempre dominou a minha, Deliberaste partir: accedi, deixando o meu prezado Gualtiero. Nunca pensei que abandonaria o canto onde nasci, casei-me, morreram meus avós e pais, vieram ao mundo meus filhos. Eis-me agora á mercê do mar. Ousada aventura! Permitta Deus que não nos arrependamos. Santa Madona, amercia-te de nós.

BENEDETTO

E' tarde para reflexões. Não fizemos mais do que imitar o exemplo geral. Hoje na Italia todos os pobres emigram. Vai aqui a bordo uma aldeia inteira com as autoridades e o padre.

ISABELLA

Sim, é tarde para reflexões. Mas, não sei porque, com a aproximação da chegada apertam-se-me as recordações do nosso lar repudiado, dos objectos que nos haviam acompanhado desde a infancia. Pobres objectos! Haverá uma alma nelles? Não lhes notaste um ar reprehensivo e melancolico quando os alienamos? Não os verei mais. Sinto-me triste... Sinto-me triste. Meu coração parece uma casa onde se vão fechando as portas, cerrando as janellas, apagando as luzes.

GIOVANNINA

No meu, ao contrario, raia uma alvorada: ha sol, rumor, agitação; tudo se abre ante horizontes sem fim.

UM EMIGRANTE

(aproximando-se, no meio de outros)

Como vais, Benedetto? Como vais, bella Giovannina? Parece que emfim estamos prestes a chegar.

BENEDETTO

Conversavamos sobre isto. Aqui a minha velha está com medo. A' ultima hora brotaram-lhe apprehensões.

O EMIGRANTE

Medo? Apprehensões? Eu tambem acredito em maus olhados e azares. Mas para combatel-os trouxe infallivel remedio.

BENEDETTO

Qual é?

O EMIGRANTE

Um chifre alentado de quasi um metro de extensão, tirado de um daquelles bois pardos, semi-selvagens, os quaes, ao que se affirma, descendem dos que seguiram o velho povo dos Hunnos em antigas invasões da Italia.

OUTRO EMIGRANTE

Para conjurar os taes perversos de olhos redondos e nariz recurvo, cujo nome pronuncio tremendo—*os jettatores*, não ha nada como figas de coral. Olhem: tenho ao pescoço farta provisão.

OUTRO EMIGRANTE

Qual! E' muito mais efficaz collocar a imagem de um santo, a do patrono da gente, como um escudo sobre o peito.

OUTRO EMIGRANTE

E' exacto. A mim não me larga o registro de S. Januario, o mais poderoso morador da côrte do céu. Imaginem que foi decapitado, depois que animaes ferozes se recusaram devoral-o. Na sua capella famosa de Napoles, conserva-se em um vaso um pouco de seu sacrosanto sangue. Todos os annos, por occasião da festa, o sangue secco torna-se liquido e entra a ferver!

OUTRO EMIGRANTE

Não duvido de S. Januario, porém contra influencias funestas vale mais plantar perto da porta de casa uma arvore virtuosa denominada *albero del malo occhio*. Levo raizes e folhas dessa arvore e meu primeiro cuidado será confial-as à terra em que se fixar a minha nova residencia.

ISABELLA

Eu tenho a minha pequena Madona, que conta mais de cem annos, pois já era a devoção de minha avó. Foi esta bemdita velhinha quem m'a deu, como preciosa reliquia, no instante de expirar. Legal-a-ei de identica fórma a Giovannina, quando soar a minha vez.

UMA VELHA OCTOGENARIA

Para que falar em morte e em agouros no dia da chegada! Varramos as idéas negras. Varramos as idéas negras. Havemos de viver felizes por longos

annos na patria nova e voltar talvez, cheios de riqueza, á antiga.

Falemos das coisas bellas e boas que nos aguardam.

UM TOSCANO

Sim, não falemos de morte. A lembrança de um cadaver me repugna. Gosto do mar, porque nelle não ha tumulos. A morte aqui se dissolve e se perde como um gemido no vento.

UM MOÇO ARTISTA

Não ha tumulos! Mas si o mar é o tumulo dos mundos! As ondas, eternas carpideiras, levantando-se e desfazendo-se a cada instante, symbolizam mais fielmente a morte do que cypreses e salgueiros.

UM MENINO, CORRENDO E GRITANDO

Terra... terra... avista-se terra.

Reboliço intenso entre os emigrantes. Arremessam-se todos ás amuradas e á proa, esquadrinhando os planos longinquos da perspectiva, as mãos abobadadas sobre a vista. Muitos trepam nos bancos e nos balús; rapazes buscam içar-se ás ver-

gas do mastro. Pais suspendem pequeninos impacientes aos hombros. Velhos tropegos, arrimados a bengalas ou muletas, limpam os vidros dos oculos de aro enferrujado.

A VOZ DO MENINO

Terra... Terra...

Dos orificios das escotilhas emergem, como ressuscitados, rostos lividos, galvanizados de subito alento. Milhares de olhos avidos varrem em todos os sentidos o horizonte.

UMA VOZ

Não é terra; é uma nuvem.

OUTRA VOZ

Não é terra, nem nuvem; é um navio que se afasta.

OUTRA VOZ

Nada disso. Simples effeito da luz nas aguas.

OUTRA VOZ

E' terra, é terra; diviso uma cadeia de montanhas.

VARIAS VOZES

Aonde? Aonde?!

A PRIMEIRA VOZ

Ali... á esquerda... ali... ali... Distingo as montanhas. Reparem. Uma

dellas lembra o meu querido e terrivel Vesuvio, cuja proximidade dà, pelo perigo constante, saboroso encanto ao viver.

OUTRA VOZ

Não ha vulcões na terra nova. Mas, na realidade, parece que se ergue ao longe uma cordilheira.

OUTRA VOZ

E' terra... é terra. Vêde o movimento que vai na primeira classe. O commandante subiu ao passadiço.

VARIAS VOZES

Vamos chegar... vamos chegar...

Accusa-se e accentúa-se, a pouco e pouco, o contorno da serrania remota. Alegria febril alvoroça os passageiros. Tratam de apromptar a bagagem, de mudar de roupa, de lavar as crianças. Raparigas consultam o espelho, enfeitando os cabellos. Um grande grupo não sai da amurada, pregoando alviçareiro a mais ligeira modificação dos aspectos. E as horas passam. Gaivotas se alçam de repente das ondas e fendem o espaço, arregimentadas, num vôo calmo e symetrico.

UMA VOZ

Passaros... passaros... mensageiros ao nosso encontro...

OUTRA VOZ

Azas brancas... azas brancas... Excellente presagio...

OUTRA VOZ

Portentosa vista!... Panorama explendido! Magnifica linha de montes resguardando a costa!

OUTRA VOZ

Que côres fulgurantes! O céu é feito de ouro, azul ferrete e carmim.

OUTRA VOZ

E as montanhas... e as montanhas. Estas, polidas e lisas, como bronze. Hirsutas aquellas, como ursos. E as grenhas são florestas colossaes.

OUTRA VOZ

Semelham fortalezas, torres, trincheiras...

OUTRA VOZ

Mais adiante sentinellas destaçadas.

OUTRA VOZ

Um mundo de enormes estatuas, entre pyramides.

OUTRA VOZ

Que será aquillo na encosta de algumas colinas? ! Arvores, ou columnas de fina architectura, coroadas de leques?

OUTRA VOZ (*gritando*)

Vinde ver todos... vinde ver... Um vulto immenso de homem, ali, deitado de costas. Olhem o nariz curvo, o tronco, as pernas, o pé...

OUTRA VOZ

E' o *Gigante de Pedra* de que me falaram. Tomei por invenção e é verdade!

VARIAS VOZES

Que coisa assombrosa! Que prodigio! que prodigio!...

Os emigrantes quedam largo tempo a contemplar a extraordinaria miragem de repouso e paz. O navio prosegue mais rapido, como se o impellisse tambem a ancia de chegar.

UMA VOZ

O interessante é que não descubro passagem. Caminhamos para escarpas que formam alta muralha, fechada de todos os lados.

OUTRA VOZ

E' uma cortina de pedra.

OUTRA VOZ

Não; nessa cortina ha uma fenda.

OUTRA VOZ

Agora vejo melhor. Essa fenda é um portico. Servem de humbreiras dois estranhos alcantis, postados em face um do outro, como atalaias

OUTRA VOZ

São leões de granito no limiar de um palacio.

VARIAS VOZES

Vamos chegar... Vamos chegar...

O navio se insinua na entrada da barra. Transposto o corredor entre as fortalezas, de subito se lhe desdobra o panorama da bahia do Rio de Janeiro. Cruzam-se exclamações de surpresa, entusiasmo, admiração.

UMA VOZ

Entramos num rio... num amplo e extraordinario rio...

OUTRA VOZ

E' um lago immenso. Mais lindo que o Lago Maior e com centenas de *Isolas Bellas.*

OUTRA VOZ

E' uma irmã da bahia de Napoles, porém mais rica de quadros, com bacia mais vasta.

OUTRA VOZ

Observai no fundo aquellas cristas, aquelles picos, aquellas agulhas. São rochas e dir-se-iam gigantescos recórtes de caprichosa renda em cambraia azul.

VARIAS VOZES

Chegamos ! Chegamos !

Maravilhoso espectaculo ! E' um Colyseu colossal. As galerias de inaudita variedade de grandiosas structuras architectonicas, são montanhas ; a arena é o mar. Das montanhas se dependuram risonhas vivendas. Dissemina-se na arena, em phantasioso desalinho, uma multidão de ilhas similhantes a canteiros de enorme jardim :—Umas isoladas, agrupadas outras ; aqui branqueadas de edificios, aridas

alli; empenachadas mais adiante de luxuriosa vegetação; — ilhas ovulares, alongadas, esphericas ou simples pedras ermas, superpostas em posições acrobaticas e parecendo boiar. Bandeiras se desfraldam em algumas, sobre baterias ouriçadas de canhões. Esquadrilhas de vapores e barcos á vela estacionam a esmo, emquanto outros se arrastam lentos, peregrinando a scismar.

Traços pittorescos, accidentes curiosos, pontos apraziveis abundam em todos os lados. Ora extensas praias, lisas, franjadas de espuma; ora promontorios affoitos; ora aberturas de valles; ora verdejantes taboleiros; ora angras reconditas, como alcovas; ora protuberancias graciosas, como seios. Brancas capellas dão a espaços a nota da religiosidade. Botafogo recorda um tanque entre vergeis. Combinam-se em estupendo e harmonioso conjunto todas as expressões felizes, todas as fórmas do bello, do grande, do magestoso, do delicado, do subtil. Aprazse a natureza em pompeiar reunida a infinidade de suas galas. A casaria da cidade trepa nas collinas, adensa-se nas planicies, debruça-se sobre as aguas, á feição de uma turba que procurasse os sitios mais propicios para contemplar a festa perenne da bahia. E a pureza do firmamento, o esplendor da luz, a imponencia do espinhaço circumjacente, a opulencia das paizagens, a profusão dos matizes, os aromas fortes que pejam as brizas embebem as almas em extase, suscitando a impressão da formosura suprema, o encanto profundo, mysterioso e intraduzivel do sublime.

O navio vai fundear. Rodeia-o uma chusma de pequenas embarcações, onde agitam lenços, acenam, gritam. Embevecidos, os emigrantes derramam em torno de si olhares tontos, trocam breves frases confusas. Um padre se destaca dentre elles, levanta os braços ao céu.

O PADRE (*solemnemente, em voz alta*)

Agradeçamos á Providencia, meus filhos, o immerecido favor de nos haver

trazido a salvamento em tão longa e arriscada viagem.

Muitos emigrantes ajoelham e se persignam.

O PADRE

Ave, Maria, cheia de graça... (*O resto da oração se perde em borborinho*)

CÔRO DOS EMIGRANTES

Santa Maria, mãi de Deus...

O PADRE

Protegei-nos, Senhor, em nossa nova patria!

CÔRO DOS EMIGRANTES

Protegei-nos, Senhor; protegei-nos, Senhor!...

QUADRO TERCEIRO

Entre montanhas de variadas fórmas e alturas, assenta o casarão da fazenda no seio de um valle. Mattas virgens, escuras e compactas, entufam o cabeço e o dorso das serras longiquas. A massa da folhagem entrelaçada lembra uma armadura colossal, feita de rugosas escamas verdes. Sobresaem a espaços altas arvores recamadas de flores, similhantes a pagens giganteos que carregassem ramalhetes.

Grosseiro o casarão,—baixo, comprido, acaçapado, destituido de arte, mas com um aspecto de san franqueza e bonhomia nas numerosas portas e janellas escancaradas. Dão-lhe graça a horta e o pomar que se estendem no fundo, bem como as roseiras, jasmineiros e heras que lhe trepam pelas paredes, formando um jardim vertical.

Em frente e a um dos lados do edificio, alongam-se, lisos e planos como o pavimento de um salão descoberto, os quadrangulos dos terreiros de pedra, onde saltam crianças seminuas e dormem corpulentos cachorros, enroscados ao sol.

Mais adiante a casa das machinas, ladeada de tanques, o engenho dominando o corrego, as antigas senzalas, o armazem, as multiplas dependencias que tornam o estabelecimento agricola um escorço de cidade incrustado na solidão.

Mil scenas pittorescas da vida campestre occorrem aqui e ali.

Na encosta de uma colina, tapetada de vegetação rasteira, onde sobranceam isoladamente velhos troncos requeimados, pastam em liberdade vaccas, carneiros, cabras, emquanto mulas e cavallos ora se espojam escoiceando o espaço, ora se immobilisam encostados uns aos outros, ora disparam aos pinchos em subitaneos galopes.

Junto a uma das toscas construcções que o casarão avassala, grunhem num cercado, centenas de porcos. Repimpam alguns beatificamente na lama a desconforme obesidade. Outros, tardos e lassos, vagam fossando, fossando. Ninhadas de leitões, varios de pello amarellado, sugam vorazes,aos safanões, empurrando-se mutuamente, as têtas que as mãis lhes abandonam, resignadas e magras, deitadas de banda, duas patas no ar.

Em ingreme vertente, ziguezagueia delgado caminho. Vagaroso, vem descendo por elle massiço vehiculo, tirado por longas juntas de bois. Ouve-se o chiar dorido das rodas e o bater das porteiras, a par dos brados estimuladores dos carreiros.

Brancas faixas de outros caminhos entrecrusados vincam a face dos ondulados terrenos convizinhos.

Mas a nota sobrelevante da paisagem provém da formatura symetrica dos cafesaes acogulando todos os morros e quebradas accessiveis. E' um mundo de arbustos uniformes, gemeos no tamanho, na côr, na figura, alinhados em renques e renques que se alastram sem termo. A um outeiro atulhado, segue-se outro identicamente coberto da mesma plantação regular ; a este succede outro, e mais outro e ainda outro,— éstos immoveis de enorme maré. Ha no todo a correcção de um exercito em revista. Sente-se o influxo acabrunhador, as energias irresistiveis e serenas das vastas forças disciplinadas. A um tempo soberana e escrava, a natureza ostenta as complacencias de uma grande mãe magnanima, omnipotente e, para com os filhos que lhe solicitam amparo, susceptivel das mais carinhosas effusões.

Nos cafesaes, procede-se á colheita. Luxuriantes, os cafeeiros estiram desde o chão em todas as direcções os profusos galhos contrapostos, cujo conjuncto imita uma pyramide e que vergam ao peso dos pequenos fructos vermelhos e luzentes. Colonos e camaradas, divididos em turmas,

postam-se ao pé das arvores, agarram e curvam os ramos carregados, correndo os dedos por elles de modo a fazer cahir uma chuva de bagos sobre o solo, em torno das raizes. Ajuntam esses bagos; peneiram-nos, afim de limpal-os de cisco e de terra, e os amontoam em balaios que vão descarregar no receptaculo de um carro estacionado em proxima vereda. Desapparecem quasi os trabalhadores, atufados na folhagem. Despojada uma arvore, passam a outra.

Trazem largos chapéos de palha ou lenços de chita amarrados ás cabeças. Entregam-se alguns silenciosos ao afan do serviço; cantarolam outros; conversam frouxamente terceiros, pondo demoradas pausas entres as phrases. Familias inteiras, incumbidas de tratar de certo numero de pés de café, executam em commum a sua tarefa.

Fendem o amplo silencio immanente estridulações de cigarras, vôos tontos de passaros, quedas remotas de cachoeiras, farfalhar de folhas seccas, os mil ruidos mysteriosos, como que de germinações subterraneas, do clima tropical, ao meio-dia. Pejam o morno ambiente somnolencias a deslumbramentos.

Em ponto afastado do cafesal, Benedetto, Isabella, Giovannina e Luigi labutam na colheita. Tostados do sol, apresentam semblantes sadios e resolutos. Luigi cresceu; já não é uma criança. Expandio-se a belleza de Giovannina. Trasborda graça, decisão, ternura de seus movimentos.

BENEDETTO

Cuidado... cuidado... E' preciso despir bem os galhos, semlhes deixar pegado um unico bago maduro. Olhem que tomamos á nossa conta nada menos de 7.000 pés de café.

ISABELLA

Que calor! Que canceira! Tenho as mãos dormentes, os dedos inchados e feridos de apanhar café, — *deriçar*, como aqui dizem.

BENEDETTO

Has de te acostumar. E' assim mesmo, como em tudo. No começo custa; depois a gente se habitua.

ISABELLA

Nunca me acostumarei. Até o rigor do inverno da nossa terra agora ás vezes se me afigura doce. Bem annunciava o meu Gualtiero que nos aguardavam fundas decepções.

BENEDETTO

Verdade, verdade, muitos dos nossos sonhos já se esvairam. A nova terra não offerece as vantagens que suponhamos.

ISABELLA

Queres que fale com franqueza?! Tudo nella me desagrada. Vivo com o

coração apertado. Assoberba-me infinita taisteza pensando na patria e em Gualtiero; devora-me ardente desejo de revel-os de prompto. O trabalho não nos proporciona remuneração que valha a pena. Pensei que tivessemos com o proprietario da fazenda parceria completa, dividindo-se pela metade entre elle e nós todo e qualquer rendimento da terra. Nada disso. Antes não partissemos ou houvessemos ficado na cidade do Rio de Janeiro, onde ha outros recursos, outras vantagens, outras distracções contra a nostalgia.

BENEDETTO

Aqui dão-nos casa de morada e serviço seguro. Mas é certo que, ao cabo de um anno, trabalhando todos, como presentemente, pouco teremos ajuntado. Longe está a riqueza immediata com que contavamos! A mim igualmente não raro me parece que preferivel fôra termos ficado na cidade, onde tão seductoras

propostas nos faziam. O que, principalmente, me retem na fazenda és tu, Giovannina.

GIOVANNINA

Acho a vida da fazenda mais socegada, mais saudavel que a da cidade. E' verdade que não conheço a da cidade sinão pelo que contam. Mas sem perseverança ninguem triumpha. Estamos aqui ha poucos mezes. Devemos nos demorar. Os lucros hão de vir a pouco e pouco e não de repente.

ISABELLA

Aprecias a estupida e monotona existencia do lavrador brazileiro?

GIOVANNINA

Não a julgo nem monotona nem estupida. Ao contrario de ti, tudo na patria nova me satisfaz. Quando fecho os olhos, ainda me arrebata o maravilhoso espectaculo da bahia do Rio. Nunca vi scena mais linda! Achei bem boa a hos-

pedaria em que estivemos tres dias, no meio de abundancia e conforto que até então desconheciamos. E a viagem em estrada de ferro, galgando montanhas, margeiando precipicios, atravessando compridos tunneis, contemplando soberbas cascatas, florestas magestosas, planicies infindas, caprichosos rios que ora se espalham em largos leitos, ora se concentram, fervendo, ora raivosos amorralham de espuma féros rochedos, ora, suaves, acariciam ilhotas viçosas, similhantes a cestas de flôres... Quanta coisa bonita! Quanta festa para os olhos! Gosto disto, confesso.

LUIGI

Eu tambem gosto. Encanta-me a abundancia das borboletas e dos passaros. Rio-me a não poder mais observando as travessuras dos macacos. Muito interessante um tucano que cacei hontem: tinha um bico enorme, dentado e curvo, quatro vezes mais longo do que a cabeça.

BENEDETTO

E as cobras que assassinam à traição! Já esqueceram Beniamino, nosso patricio, tão alegre, tão forte, picado por uma cascavel dessas que não poupam bois nem cavallos e agitam um guizo sinistro como dobre de finados?! Desgraçado Beniamino! Como padeceu! Inchou de maneira monstruosa, estrebuchou em convulsões horriveis, perdeu a vista, desconhecia os parentes, não podia engulir os remedios e vertia sangue negro por todas as aberturas do corpo. Misero rapaz! Em má hora acudiu-lhe a idéa de partir...

ISABELLA

E os mosquitos, pequeninos como grãos de areia e ferozes como lobos! E os carrapatos que se nos grudam à pelle, armados de chupadores iguaes aos das sanguesugas! Anna Griti soffreu febre de erysipela e viu a perna numa chaga porque lhe arrancaram um dos taes denominados miúdinhos, deixando

na carne os ferrões. Oh! a comichão que produzem incommoda mais do que uma forte dôr.

BENEDETTO

Considero peior e mais nojento o bicho de pé, que se mette debaixo das unhas e nos calcanhares... Que tormento a coceira! Antes a da pelagra! E são perigosos esses bichos. Anda por ahi muito sujeito com ulceras chronicas e mesmo aleijado, por via delles! Sympathizas com todos estes primores, Giovannina?

GIOVANNINA

Males, adversidades, inimigos é sina do homem encontral-os em toda a parte. Felizes os logares em que compensam taes males a grandeza, a belleza perpetua, a variedade e o encanto da vida, como aqui.

ISABELLA

Que belleza em descómmunaes extensões ermas que esmagam a compre-

hensão! Variedade e encanto da vida numa fazenda! Engana-te a imaginação, minha filha.

GIOVANNINA

Belleza, variedade, encanto, sim. A cultura do café offerece a quem a pratica intelligentemente as mutações encadeadas, o entrecho curioso de um romance.

ISABELLA

Vamos ver.

GIOVANNINA

Inicia-se pelas scenas grandiosas e tragicas das derrubadas e queimadas: multidões de soberbos gigantes vegetaes sacrificados, como numa batalha, ao interesse do mais forte e do mais util. E' a lei do mundo! Em seguida, a plantação com mil cautellas e carinhos, identicos aos usados para com os frageis infantes. Após, os cuidados continuos de asseio e hygiene das capinas, as precauções defensivas contra a perfidia das intem-

peries. Emfim, vencìda a luta, eil-o o arbusto que cresce e se desenvolve, sempre rodeiado de attenções. Dir-se-ia que adquire razão: entra a produzir. Vem então as colheitas, ricas de episodios apraziveis, em que se colligem os frutos à feição de quem munge as ovelhas. Depois, os complicados processos do preparo. Funccionam as machinas possantes ou subtis, umas que seccam, outras que sopram, outras que descascam, outras que escolhem. O mimoso bago, successivamente verde, vermelho, preto, transforma-se numa especie de conta, branca e brilhante, artisticamente cinzelada, tão preciosa quanto um pingo de ouro. E lá se vai correr mundo até dissolver-se no liquido perfumado e saboroso, servido em taças de porcelana nas mesas ricas.

ISABELLA

Estàs instruida! Que ardor! Que

enthusiasmo. Nem que o cafeeiro fosse o teu enamorado!

GIOVANNINA

O cafeeiro é estrangeiro como nós. Veiu tambem de longes terras. Agradou-se da nova patria; nella permaneceu e medrou. A sua flor, branca e cheirosa como o jasmin, lembra uma estrellinha de neve. Trincado, o seu fruto adoça o paladar. A sua capsula imita uma camara onde em dois berços, separados por um biombo de seda, dormem dois gemeos. Demais, o cafeeiro é generoso e grato: recompensa magnificamente a quem o trata com affecto. Amo-o, sim, por que não? como amo o que é bom, productivo, util.

BENEDETTO

Em summa: amas tudo na fazenda, até os asquerosos pretos com quem somos obrigados a conviver.

GIOVANNINA

E porque não estimarei tambem os pobres pretos tão meigos, tão affectuosos, tão resignados! Como são superiores em dedicação, doçura e liberadade aos camponios da nossa terra! Acho-os interessantes! Diverte-me extremamente o seu *jongo*, o seu *batuque*, o seu *samba*. Assusta-me o seu *urucungo*. E a viola dos tropeiros? E as modinhas, ao som do cavaquinho? Nada conheço que mais impregne o coração de deliciosa tristeza.

BENEDETTO

Apezar de tantos atttractivos que descreves, confesso que até certo ponto concordo com tua mãi. Renderei graças a Deus no dia em que sacudir o jugo da fazenda. Mas toca a trabalhar... toca a trabalhar... (*Afasta-se com Luigi.*)

ISABELLA

Esqueceu-te enumerar aquillo que talvez mais te aqui prenda e queira o

céu não seja a causa da tua desgraça.

GIOVANNINA

Que é?

ISABELLA

Não alludiste ao filho da dona da fazenda, ao sympathico João Carlos, ou nhô João Carlos, como o appellidam.

GIOVANNINA

Por que dizes isto? Não te comprehendo...

ISABELLA

Preciso falar-te com franqueza e aproveito a opportunidade. Já não és criança. Sempre te distinguiste pelo juizo. Devo aconselhar-te como mãi e como amiga.

GIOVANNINA

De que é que se trata?! Estes modos graves me intimidam.

ISABELLA

Desde que aqui chegámos, o filho da viuva D. Clara, a quem esta fazenda pertence, o Sr. João Carlos, olha-te de certa maneira particular, procura-te constantemente, demora-se a conversar comtigo mais do que seria natural. E' um moço agradavel; tem instrucção; dizem que frequentou uma academia, abandonando, quando o pai morreu, em meio os estudos, afim de auxiliar e a mãi. Que te prefere a todos os mais não resta duvida. Ora, d'ahi póde nascer o teu infortunio. Calcula a immensa distancia que te aparta delle. Não se casará comtigo, minha filha. Corteja-te para máus fins; pretende perder-te. Já se murmura por ahi a proposito dessa preferencia muita historia desagradavel e é um dos motivos porque me aborrece a fazenda. Si não atalharmos as calumnias e intrigas, a tua reputação soffrerá para sempre. Attende ás minhas adver-

tencias, Giovannina. Não escutes as vozes fallazes dos homens. Na tua pureza está o teu mais precioso bem. Que ganharias em ser a victima facil do filho da patrôa? Satisfeito o seu capricho, elle te abandonaria sem piedade e ninguem mostraria dó de ti. O que incommoda sobretudo a mim e a teu pai, que me ordenou conversasse comtigo sobre este assumpto, é que o teu coração não nos parece indifferente aos galanteios do Sr. João Carlos. Noto que os teus olhos se esquecem indulgentes nos delle. O teu enthusiasmo pela fazenda revela-se suspeito. Cuidado, minha filha. Estás á beira do despenhadeiro. Arreda-te emquanto é tempo. Não te precipites.

GIOVANNINA

Ah! mamãi! Quanto me affligem essas supposições! O Sr. João Carlos gosta de conversar commigo e eu tambem gosto de conversar com elle, por-

que elle é meigo, é justo, sabe dizer coisas delicadas e curiosas. Todos na fazenda o estimam. E' elle quem protege a todos, serve de medico, modera as severidades da mãi e do administrador. Recorda-te de como te tratou com carinho quando adoeceste? No tempo dos escravos, dizem que era o anjo bom desses infelizes. Libertou-os seus antes da lei. Quão differente de sua mãi, D. Clara, tão orgulhosa e inimiga dos estrangeiros! Gosto delle, sim Que mal ha nisso? Avalio a extensão que nos separa. Elle é rico, eu nada tenho. Elle é proprietario de vastas terras, eu sou misera operaria sem um palmo de chão para dormir. Elle se acha em sua patria, eu repudiei a minha. Comquanto um pouco mais educados do que o commum, nós não passámos de mesquinhos emigrantes, acossados da nossa terra pela fome. Nunca um pensamento inconfessavel me atravessou a mente sobre o Sr. João Carlos.

Oh! nunca. Sei quem sou; reconheço o meu infimo lugar. Não ignoras que D. Clara, apezar de sua aversão para com os emigrantes, esforçou-se para que eu ficasse em casa della, a ajudal-a no serviço domestico. Recusei, preferindo apanhar café a teu lado. Que injustiça!... Que maldade! Prometto... juro... que deixarei de conversar com elle... Saberei repellil-o... Verás...

ISABELLA

Estás commovida, com os olhos humidos. Não te quiz offender; porém, como extremosa mãi, te elucidar. A intenção desses moços é simplesmente divertirem-se. Mal da mulher que lhes preste ouvidos! Caro custa um instante de complacencia.

GIOVANNINA

A injustiça me revolta. Não me conheces. Sou irman de Gualtiero: tão altiva, corajosa e digna como elle. Fica

tranquilla, mamãi. Não me rebaixarei... Não me rebaixarei... Elle não se divertirá commigo, asseguro. Isso, não. Antes morrer...

ISABELLA

Muito bem, Giovannina. E que a Virgem Santissima te ampare.

Faz-sê carregado silencio. Giovannina colhe com ardor o café. Isabella se afasta. Passos surdos, ruidos indistinctos e esboçam-se, diluem-se, morrem. De repente, rompe uma voz, cantando em melancolica toada.

A VOZ

Do pinheiro nasce a pinha
Da pinha nasce o pinhão,
Da mulher nasce a firmeza,
Do homem nasce a ingratidão.

Giovannina detem-se. Apoiada no cafeeiro, os olhos perdidos, bebe as notas dolentes que timidos os repetem em apagada surdina.

A VOZ

Hei de pegar em meus olhos
Hei de os furar com um pausinho ;
Os meus olhos são a causa
De eu andar por mau caminho.

Meu amor fala baixinho
Que as paredes têm ouvido:
O segredo mais coberto
E' sempre o mais conhecido.

Giovannina suspira. Cruza as mãos sobre o peito que offega, inclinada para o lado donde vêm as trovas populares. Seus olhos se afogam em ternura e morbidéza ineffaveis.

A VOZ

Já tive dias felizes
Zombando da sorte austera,
Perdi os sonhos de outr'ora,
Já não sou quem d'antes era.

Tudo o que nasce no mundo
Tem seu fim particular:
Com destino todos nascem,
Eu nasci para te amar.

Si eu sobesse com certeza,
Que tu me tinhas amor,
Ia cair nos teus braços
Como o sereno na flôr.

Uma lagrima desce lenta pela face de Giovannina, que tambem lenta a enxuga. Solta novo sus-

piro e recomeça a colher. Sôa o tropel de um cavallo. A voz emmudece. O tropel se aproxima.

VOZES DISPERSAS

Sua benção, seu branco. Sua bénção, seu moço. Sum Christo . . . Sum Christo. . . Bom dia. . . Bom dia.

OUTRA VOZ (*respondendo*)

Deus o abençôe. . . Para sempre. . . Para sempre. . . Bom dia . . . Bom dia.

O tropel se avizinha. O cavallo pára no carreiro proximo ao logar onde Giovannina colhe. Apeia-se o cavalleiro e dirige-se para ella. E' João Carlos. Physionomia a um tempo ingenua e energica. Sente-se que é um simples, um primitivo, um bom. A lealdade espiritualiza-lhe o semblante requeimado. Tem 26 annos. Traz botas amarellas com esporas de prata, chapéo de feltro desabado.

JOÃO CARLOS

Bom dia, Giovannina.

GIOVANNINA

Bom dia.

JOÃO CARLOS

Como vamos de colheita?

GIOVANNINA

Bem, como vê. Trabalha-se quanto se póde.

JOÃO CARLOS

Este trabalho não é proprio de você.

GIOVANNINA

Por que?

JOÃO CARLOS

E' inferior ás suas qualidades, á sua educação. Você devia acceitar a proposta de ir para dentro de casa, servir minha mãe. Tenho insistido tanto! Dóe-me ver você em serviço tão duro...

GIOVANNINA

Mas aqui me sinto bem. Estou perto de meus paes, que assim poderão me proteger.

JOÃO CARLOS

Proteger por que? Receia alguma coisa?

GIOVANNINA

Nada receio, e si houvesse perigo eu saberia defender-me.

JOÃO CARLOS

E então?!

GIOVANNINA

Digo proteger no sentido de aconselhar, de guiar com a sua experiencia e o seu affecto, o unico verdadeiro da vida.

JOÃO CARLOS

No cafezal, a sua pelle tão fina se estragará; as suas mãos tão pequenas se cobrirão de callos.

GIOVANNINA

Que importa?! Na minha posição. não sei, não posso, não devo cuidar disso. Só devo cuidar de trabalhar honestamente, auxiliando os meus.

Um silencio.

JOÃO CARLOS

Vou ajudar você a colher.

Acerca-se de Giovannina e, durante alguns segundos, apanha café, ao pé della, ambos cabisbaixos e graves. Ella evita attentamente qualquer contacto com os dedos ou o corpo delle.

JOÃO CARLOS

Vim ao cafezal, Giovannina, de proposito para ver a você e estar por momentos a seu lado. Muito esquiva você se mostra para commigo. Parece que não gosta de mim.

GIOVANNINA

Gosto do senhor como gostam todos da fazenda, porque o senhor é bom para todos.

JOÃO CARLOS

Mas eu queria que você gostasse um bocadinho mais do que os outros.

GIOVANNINA

Por que ?

JOÃO CARLOS

Porque estimo você mais do que os outros.

GIOVANNINA

Não ha razão para isso. Não desejo que seja assim, nem acredito.

JOÃO CARLOS

Acredite, Giovannina. Você exerce sobre mim, desde que chegou, um extraordinario encanto. Você é intelligente, educada, sensata. Nem parece emigrante, de tão aceiada e bonita. Todos attendem e consideram a você. Afflige-me vêl-a entregue a tarefas abaixo do que merece. Eu a estimo muitissimo. Deixe-se de apanhar café. Siga o que eu lhe indicar. Ganhará mais; ganhará quanto quizer. Fará a sua felicidade e a minha.

GIOVANNINA

Ah! senhor João Carlos, nunca o julgaria capaz de vir perturbar-me e offender-me em meio do meu trabalho, o senhor tão poderoso, eu tão pequenina.

JOÃO CARLOS

Perturbar e offender a você? eu? como?

GIOVANNINA

Perturbar e offender, sim. Que significa a sua proposta? Qual o seu fim? Que relações, além das de serviço, póde haver entre o dono da fazenda e uma humilde operaria, como eu? Não me queira fazer mal... Não me queira fazer mal...

JOÃO CARLOS

Fazer mal a você! Mas, ao contrario, só desejo favorecel-a, melhorar-lhe a sorte.

GIOVANNINA

O senhor bem me comprehende. Para que subterfugios?! Nada de commum póde existir entre nós. Desengane-se. Não lhe assenta, Sr. João Carlos, ao senhor tão generoso, tentar assim, por meio de palavras insidiosas, contra o que uma desgraçada, dependente sua, possue de mais sagrado.

JOÃO CARLOS

Você me repelle, Giovannina? Dei-

xou algum promettido na Italia? Ama a alguem?

GIOVANNINA

Por piedade, por Deus, não continue a magoar-me. Só prende o meu coração á Italia um irmão que lá tenho. Não o repillo, Sr. João Carlos. Quem sou eu para o repellir? Colloque as coisas no seu logar. Supplico apenas ao seu cavalheirismo que me deixe socegada, que não me inquiete, que tenha pena de mim.

Giovannina chora. João Carlos, commovido, dá um passo para ella e quer cingir-lhe a cintura. Ella o repelle, soltando um grito. Sua physionomia reveste tal expressão da revoltada surpresa e altivez melindrada que o moço recua.

JOÃO CARLOS

Perdão... perdão...

ISABELLA, *accorrendo*

Que tens, minha filha? Ouvi-te gritar.

GIOVANNINA

Não foi nada. Um maribondo de que tive medo.

João Carlos permanece pensativo por instantes; retira-se depois a passos vagarosos. Ouve-se afinal o estrupido do seu cavallo.

ISABELLA

Que te disse, que te fez João Carlos?

GIOVANNINA

Insistiu para que eu abandonasse a lavoura e fosse servir D. Clara.

ISABELLA

Só? !

GIOVANNINA

A sua insistencia tornou-se um tanto importuna. Respondí-lhe como devia.

ISABELLA

Não me enganavam as minhas suspeitas. Cuidado, Giovannina. Isto vae tomando máu caminho. Vae mal.

BENEDETTO (*chegando com Luigi*)

Vae mal, sim, vae muito mal. Está se tornando insupportavel. Acabo de ter com o administrador uma duvida séria a proposito da quantidade do café colhi-

do. O bruto accusou-me de querer furtar ; e, como eu replicasse indignado, bradou-me que todos os emigrantes eram bandidos, cobriu-nos de injurias.

Disse-me umas phrases que me affligiram profundamente.

ISABELLA

Que foi ?

BENEDETTO

Disse o miseravel qne eu abusava, fiado na belleza de minha filha ; que viéramos para a fazenda com o plano de impingil-a ao patrão ; que os manejos nesse sentido eram patentes e escandalosos ; que eu vira passar o Sr. João Carlos e me retirara afim de deixal-o sosinho com Giovannina.

GIOVANNINA

Ah ! cobarde ! Bem mostra que habituou-se a lidar com escravos.

BENEDETTO

Eu devia tel-o esbofeteado... devia tel-o esbofeteado...

ISABELLA

Conta ao Sr. João Carlos para que elle seja punido.

GIOVANNINA

Não; não se queixem a ninguem. Declarastes ha pouco que só em attenção a mim permanecieis na fazenda. Agora, quem lhes supplica sou eu: partamos.

ISABELLA

Depois do que succedeu não podemos continuar.

BENEDETTO

Partamos e sem demora. Na cidade encontraremos prompta e vantajosa collocação.

LUIGI

Pois eu sinto a partida... Gosto tanto d'aqui!

BENEDETTO

Está resolvido:—partamos.

Resôa de novo o tropel do cavallo.

BENEDETTO

Ahi volta o patrão de percorrer o cafezal. Vou participar-lhe já a nossa deci-

são. Oh! senhor João Carlos... oh! senhor João Carlos...

JOÃO CARLOS (*achegando-se*)

Que é? que quer você?

BENEDETTO

Communico-lhe que eu e minha familia deixamos o seu serviço. Queira ter a bondade de mandar fazer as nossas contas. Amanhã de madrugada iremos tomar a estrada de ferro.

JOÃO CARLOS

Por que? estão descontentes?!

BENEDETTO

Não nos convem. E' resolução inabalavel. Vamos agradecidos á sua bondade.

JOÃO CARLOS

E para onde vão?

BENEDETTO

Para a capital.

JOÃO CARLOS

Você, Giovannina, approva este projecto ?

GIOVANNINA

Suppliquei a meu pai que o adoptasse.

JOÃO CARLOS

Nada os retem então neste logar ?

GIOVANNINA (*surdamente*)

Nada.

JOÃO CARLOS (*depois de uma pausa*)

Bem. E' melhor mesmo assim. A contragosto, ninguem trabalha em minha fazenda. Nem no tempo do captiveiro. As contas vão ser feitas. Saiam quando quizerem. Dar-lhes-ei conducção até á linha ferrea. (*Outra pausa*). Vão se arrepender ... Vão se arrepender ... Vão soffrer... Em summa, faça-se-lhes a vontade. (*Voltando-se para Giovannina*) Guardem estas palavras : Não costumo readmittir colono que uma vez saiu

d'aqui. Para vocês, porém, abrirei exepção. Si se acharem em alguma difficuldade, lembrem-se de mim. Conhecem o caminho. Em toda a parte ser-lhes-á facil encontrar casa, alimentação e bom salario. Aqui, além de tudo isso, teriam coisa mais rara: um pouco de sincero affecto. Adeus. Sejam felizes.

Esporeia o animal que vai-se a galope.

ISABELLA

Que é isto, Giovannina. Tens de novo os olhos molhados. Não o escutes ...

GIOVANNINA

Eu ?! E' illusão. Sinto-me até muito contente ... muito contente ... vamos apromptar a bagagem. Gotas de suor coufundem-se com lagrimas.

ISABELLA

Antes assim fosse, minha pobre filha!

QUADRO QUARTO

Miseravel casinha de porta e janella num cortiço do Rio de Janeiro. Sobre as estropeadas cadeiras da sala da frente, ha peças de fato roto e servido, frascos de medicamentos, latas vasias. Em cima de uma commoda estragada, a pequena Madona tem diante de si uma lamparina accesa num pires.

O tecto é baixo, e, como as paredes, manchado de signaes de humidade e desaccio. Teias de aranha bambinelam os angulos. No chão, largas nodoas de gordura e lama.

Pela vidraça descida da janella, na qual um dos vidros partido foi substituido por um pedaço de jornal, avista-se o pateo do cortiço, cheio de tinas de lavadeiras e roupa branca estendida em cordas.

Pesa na sala um silencio abafado. Zoam moscas importunas e marram toutas a vidraça. Paira um cheiro acre de suor e molestia.

Do pateo vem um ramor grosso, zebrado de gritos, risadas, rodar de carros, tilintar de campainhas, cantorias, zum-zuns confusos.

Na alcova escura, contigua á sala, dois leitos de ferro occupam quasi todo o espaço disponivel. Jazem enfermos nesses leitos Benedetto e Isabella.

Na sala, Giovanniva e Luigi conversam a meia voz. Descorados e tristes, revelam terem curtido privações. Vão, de quando em quando, em bicos de pés, entre-abrir a porta da alcova, espreitando o somno dos doentes.

GIOVANNINA

Mas como começou isto?

LUIGI

Nossos paes ha muitos dias sentem-se abatidos a indispostos. Tambem são tantas as contrariedades! Deixaram a casa onde estavam empregados, elle como jardineiro, ella como lavadeira. Por mais que annunciassem, não encontraram collocação conveniente. E' tão difficil para um casal! Hontem andaram todo o dia de um lado para outro. Voltaram á noite sem jantar, queixando-se ambos de dôr de cabeça, abrindo muito a bocca, pallidos que pareciam defuntos. Deitaram-se. Tiveram mais tarde calefrios tão fortes que os dentes lhes batiam, a ponto de quasi se quebrarem. Em seguida, ficaram ardendo em febre. Suaram depois de fórma a ensopar os colchões. Cairam então nessa prostração em que os vês, mal respondendo ás perguntas, numa fraqueza e indifferença extraordinarias.

GIOVANNINA

E que fizeste?

LUIGI

Dei-lhes café e cachaça, como me aconselhou a crioula Candida, nossa vizinha, que é muito boa e serviçal. E' a unica pessoa que ainda nos attende. O dono da estalagem e da venda, o Sr. José Medeiros, não fia mais nem um vintem. Tem tido brigas com papai, porque elle não paga a conta antiga. Vendo nossos pais tão caidos, fui, Giovannina, conforme me havias recomendado, si houvesse novidade, chamar-te á casa onde te empregaste. Eis o que ha. No mais devo prevenir-te de que não existe aqui um pedaço de pão. Desde hontem, só comi uma laranja que me offereceu a Candida.

GIOVANNINA

Andaste bem indo chamar-me. Lavra na cidade grande epidemia. Nós, os estrangeiros, somos tão sujeitos! Quem

sabe si os nossos pobres pais não apanharam a terrivel febre amarella?! Não me disseste tambem que havias procurado um medico?

LUIGI

Pedi a um doutor que dá consultas numa pharmacia aqui perto que chegasse até cá. Elle prometteu que viria quando tivesse tempo, declarando que não costuma curar em cortiços.

GIOVANNINA

E papai e mamãi que não fallam! Mal me reconheceram. Essa modorra me assusta, embora me tranquillise não vomitarem. Na febre amarella parece que ha vomitos constantes, vomitos pretos. Vê si elles ainda dormem, Luigi. Coitados! Valha-nos Deus.

LUIGI (*indo até á alcova*)

Dormem ainda (*uma pausa*). Que saudades eu sinto da fazenda, das borboletas, dos tucanos, do cafezal. Lá go-

zavamos saude ; dispunhamos de amplo espaço ; nada nos faltava. Quando alguem adoecia, o Sr. João Carlos, — lembra-te? — era de um carinho nunca visto. Como temos padecido depois que de lá partimos ! Foi contra minha vontade. Mas tu o quizeste, Giovannina.

GIOVANNINA

Obedeci a nossos pais. E era preciso.

LUIGI

De certo te arrependes. Não encontramos na cidade as vantagens que suppunhamos. Fomos obrigados a nos separar, cada um para sua banda. Nossos pais têm vagado de casa em casa, despedidos aqui, não podendo alli aturar os patrões. Eu, já vendi jornaes, já engraxei botas, já entrei como aprendiz em varias officinas, sempre maltratado e descontente. Tu mesma, apezar de tua paciencia e coragem, deves ter soffrido

bastante, alugando-te como criada ou para cuidar de crianças. Em todo o caso, és a mais feliz, porque todos te estimam e as familias a quem serves não mais te querem deixar. Porque saiste daquelle palacete de Botafogo? Pagavam-te tanto !...

GIOVANNINA

Sim, tenho padecido bastante. O que me afflige principalmente não é o trabalho. Todo trabalho é nobre. E' a ausencia de respeito e escrupulos de certos patrões e da gente que os frequenta para com os criados. Reminiscencias da escravidão ! Não consideram os empregados auxiliares do serviço domestico, mas entes inferiores, em relação aos quaes tudo é licito. Duvidam de que elles possam ter honra, altivez, dignidade. Quanta offensa a cada minuto ! Foi por esse motivo que sahi do palacete de Botafogo. Oh ! a vida de criada é bem dura!

Todos os dias, porém, agradeço a Deus a energia e a firmeza com que me dotou. Si não fosse isso, ai de mim! Seria uma desgraçada, como tantas outras! Tens razão, Luigi. A cidade é pouco agradavel. Quanta molestia, que calor, que costumes brutaes! Na fazenda estavamos incomparavelmente melhor. Mas não podiamos ficar... não podiamos ficar, ali, pelo menos. Em summa, nada ha que se não vença com esforço e resignação. Havemos de vencer. Acabrunha-me agora a inesperada molestia de nossos pais. Confio em que a Providencia os restabelecerá. E a falta de recursos? Tenho-lhes entregue fielmente quanto ganho.

LUIGI

E eu tambem. Mas não chega. Tudo está carissimo. Por economico que se seja, gasta-se mais do que se recebe. E o diabo é que a fome principia a apertar-me.

GIOVANNINA

Na Italia, quando sentias fome, nossa mãi fazia-te dormir. Passaste a noite em claro. Vê si dormes. Eu velarei. O tal medico virá ?!

Luigi deita-se sobre duas cadeiras e fecha os olhos. Giovannina, depois de ter ido, com mil precauções, examinar os pais, encosta-se pensativa á janella. Batem devagarinho á porta. Luigi levanta-se e vae abrir, com um gesto de enfado. Entra a crioula Candida, alta, fula, desdentada trajando vistoso vestido de chita

CANDIDA

Bons dias, vizinhos. Como vão os doentes ?! Vi-a chegar, D. Giovannina, e vim offerecer-lhe os meus prestimos.

GIOVANNINA

Muito agradecida. A senhora é sempre bondosa. Os doentes contiuuam na mesma, quietos, dormindo ... dormindo ... Mas não têm febre... A pelle está muito fria.

CANDIDA

Si quizer, eu vou buscar minha

amiga, a cabocla Libania, sem igual para benzer erysipelas e cortar sezões. Sabe umas rezas e usa uns raminhos milagrosos, infalliveis...

GIOVANNINA

Não, obrigada. O medico ficou de vir.

CANDIDA

No seu caso, eu preferia a Libania. Perdôe-me que lhe diga, mas esta sua casinha a modo que botaram nella mau agouro. A todos que aqui moram succede algum desgosto. Permitta a Virgem Maria que a senhora seja mais feliz. A Libania talvez esconjurasse o maldito...

GIOVANNINA (*apontando para a Madona*)

Temos alli quem nos defenda.

CANDIDA

Nossa Senhora vale muito, não ha duvida. Mas a Libania... Emfim, meu desejo é ser-lhes util de alguma fórma.

Si precisarem de mim, é avisarem com franqueza. Sou pobre, mas gosto de ajudar os outros. Adeus. Vim só por um instantinho, para uma pequena visita. Estou muito occupada. Desejo que os doentes sarem. Vou prometter uma vela de cêra a Nossa Senhora dos Remedios para que não seja nada. Olhem, necessitando de mim é só fazerem : — pscio !

GIOVANNINA

Como a senhora é amavel ! Quando e como lhe pagarei tamanhos favores !...

CANDIDA

Deixe-se disso... E a proposito de pagar... (*Levando Giovannina para um canto e baixando a voz*) Sei que os senhores estão sem dinheiro e o ladrão do gallego José Medeiros não lhes fia mais nada. Feijão ha sempre lá em casa e bastante. Sirvam-se delle, sem acanhamento. Precisam, de certo, de alguns

cobres para remedios. Tome là... (*Entrega a Giovannina, que a principio se retrai, uma nota bancaria*). Tome lá... tome lá... E' um emprestimo. Não se finja de soberba. Tome lá, do contrario me zango... E até já... Adeus. (*Sai*).

GIOVANNINA

Excellente creatura! Obsequiar aos outros é nella necessidade irresistivel! Sempre disposta á caridade, seja para com quem fôr. Singular paiz onde em corpos tão negros e feios se abrigam almas tão bellas e puras! Que de superioridades nestes subalternos! Vem cá, Luigi. Olha... (*Passa-lhe a nota*) Corre e compra alguma coisa para comeres e para nossos pais quando despertarem. Mas, antes, volta ao medico. Insiste... Traze-o. Si elle se negar, dá-lhe o dinheiro. Porém traze-o... traze-o... A immobillidade de nossos pais, o torpor e quebrantamento em que os vejo me

apavoram. Ouviste a Candida? Nesta casa reina mau agouro. Tristes presentimentos me agitam. Conviria porventura consultar a Libania. Anda, Luigi.

Luigi parte. Giovannina vai contemplar longamente os pais. Volve; ajoelha-se perante a Madona na qual, as mãos cruzadas, crava olhos extaticos. Batem de novo á porta. Giovannina levanta-se alvoroçada, suppondo que é o medico. Recúa, reconhecendo o dono da estalagem, o sr. José Medeiros, atarracado, sujo, chinellos sem meias, em mangas de camisa, deixando á mostra o peito hirsuto, olhos insolentes na face cynica.

JOSÉ MEDEIROS

Bons dias, menina. Soube que tinha chegado; vim vêl-a. Como vão os seus doentes?

GIOVANNINA

Continuam na mesma, dormindo sempre.

JOSÉ MEDEIROS

E seu mano?

GIOVANNINA

Foi buscar o medico.

JOSÉ MEDEIROS

Ah! a menina está só? ! Pois estimo (*um silencio*). Preciso de ha muito, dizer-lhe duas palavras. Não ignora que seus pais me devem bem regular quantia. Eu tenho tido comtemplação com elles, simplesmente por amor á menina. Si não fosse isso, já os haveria obrigado a desatravancarem o commodo, que não faltam alugadores.

GIOVANNINA

Obrigada! Hei de pagar... Havemos de pagar.

JOSÉ MEDEIROS

Não tem que agradecer. Procedo assim porque a menina me enfeitiçou. Acho-a bonita, acho-a interessante. Sou capaz de loucuras por sua causa. Si precisar de alguma coisa, com que prazer eu a servirei ...

GIOVANNINA

De nada preciso... Adeus... (*Faz um gesto de despedida*).

JOSÉ MEDEIROS

Escute. A menina de um momento para outro póde ficar só neste mundo, ou apenas com seu mano pequeno, o que importa o mesmo. Não dispensará uma protecção. E' melhor ser protegida por um homem sério e que possua alguns meios, como eu, do que ser seduzida ahi por algum pelintra, sem eira nem beira, que a abandonará ao cabo de algum tempo. Pense no futuro. Eu, em alguem me agradando, não poupo sacrificios. E ninguem me agrada mais do que a menina.

GIOVANNINA

Bem... bem... Adeus (*Esforça-se por fechar a porta. José Medeiros não o permitte*).

JOSE' MEDEIROS

Eu cá não sou de meias medidas: pão pão, queijo queijo. Falemos franco: a menina tem de cair mais dias menos

dias, como todas as outras. Porque não aceita desde logo a minha protecção ? ! Havia de ser feliz. Eu não só perdoaria a divida de seus pais, como daria de graça à menina o melhor quarto da estalagem, bons petiscos, bonitos vestidos, dinheiro para seus desperdiciosinhos... Reflicta, que o negocio é bom.

GIOVANNINA

Oh ! senhor ! Queira retirar-se... Deixe-me... Deixe-me...

JOSE' MEDEIROS

A menina é quem deve deixar-se de orgulhos e luxos. Quem nada tem e ainda deve, não póde usar disso.

(Da alcova dos enfermos sai um gemido. Giovannina precipita-se para lá. José Medeiros a retem, segurando-a pela mão).

GIOVANNINA (*debatendo-se*)

Deixe-me... deixe-me, por piedade. Não me injurie, pelo amor de Deus.

JOSE' MEDEIROS

Não se faça de rogada.

GIOVANNINA

Deixe-me... deixe-me... Eu grito por soccorro!

JOSE' MEDEIROS

Qual soccorro! Aqui quem manda sou eu. Falo-lhe como amigo: a menina tem em sua formosura uma grande riqueza desaproveitada. Dê-me preferencia. Lucrará, acredite...

A VOZ DE LUIGI (*no pateo*)

Ahi vem o doutor... ahi vem o doutor...

JOSE' MEDEIROS

Continuaremos a conversa em outra occasião...

GIOVANNINA

Miseravel! (*Volvendo os olhos para a Madona*) Que horror, minha mãi do ceu, que horror!

JOSE' MEDEIROS (*saindo*)

Ha de amansar... ha de amansar. Te-

nho pratica... As mais ariscas amansam... Sobretudo si os velhos esticarem a canella.

(Entra o medico. Grisalho, calvo, de oculos, physionomia dura).

O MEDICO

Onde estão os doentes?! Não tenho tempo a perder, nem costumo tratar em cortiços, porque em geral dão muito trabalho e não pagam. (*Reparando em Giovannina, com voz mais branda*) A senhora é parenta? Como vão elles?

GIOVANNINA

Sou filha. Meu irmão, que foi chamar o doutor, já lhe forneceu, de certo, todas as informações. Persistem a modorra e a insensibilidade.

O MEDICO

Febre?

GIOVANNINA

Não, nem vomitos e é o que me tranquillisa. Não se trata, pois, de febre amarella.

O MEDICO

Ha quanto tempo estão no Brazil.

GIOVANNINA

Ha pouco mais de um anno.

O MEDICO

Sempre no Rio?

GIOVANNINA

Não; numa fazenda. Aqui, não fez ainda dois mezes.

O MEDICO

Completamente desacclimados. Vamos ver os doentes.

GIOVANNINA (*abrindo a porta da alcova*)

Papai... mamãi... o doutor.

A alcova é tão escura que o medico reclama uma vela. Isabella e Benedetto jazem estuporados nos leitos sem lençóes, rebuçados apenas de cobertores vermelhos. Têm os olhos abertos virados para cima, numa expressão de desvario. Fundamente decompostas as physionomias, a respiração fraca e embaraçada. Pelas boccas lassas avista-se-lhes a lingua secca e tremula, as gengivas e os dentes revestidos de uma camada denegrida. O medico exa-

mina-os largamente, abanando a cabeça. Giovannina segue-lhe anciosa os movimentos. Os enfermos parecem nada vêr, não ouvindo as interrogações que se lhes dirigem.

GIOVANNINA

Então, doutor? Não é febre amarella?

O MEDICO

Coisa equivalente, ou peior. Uma perniciosa grave.

GIOVANNINA

Ambos?!

O MEDICO

O caso é commum. O mesmo fóco de infecção actuando simultaneamente sobre varios pacientes.

GIOVANNINA

Mas vão ficar bons; não é verdade? São tão fortes... E' a primeira vez que adoecem.

O MEDICO (*sahindo para a sala*)

Deviam ter atacado o mal em começo, com energia e rapidez. Agora...

não sei. Em todo o caso, podia-se tentar ainda injecções hypodermicas de quinina... Mas eu não trouxe o apparelho... Vou buscal-o e voltarei mais tarde. (*comprimentando Giovannina*). Passe bem, minha senhora.

GIOVANNINA

Vai-se embora sem nada receitar ?! Acha-os mal ... Diga ... Diga ...

O MEDICO

Estão mal, sim, muito mal.

GIOVANNINA

Mas ha esperança ... não é assim ?! Ha esperança ...

O MEDICO (*apontando para a pequena Madona*)

Não é religiosa ?! Pois apegue-se às suas devoções, que muito servem nestes transes. Tenha calma, resigne-se... Adeus, minha senhora. E retire-se, daqui.

quanto antes, ouviu? Mesmo do Rio, si fôr possivel.

Saúda-a com a cabeça e sae. Na porta, encontra-se com Candida que traz n'uma bandeja chicaras do café.

CANDIDA

Não é servido, doutor? E' fresco... Fui preparal-o, quando o sr. entrou. Como achou os doentes?

O MEDICO

Obrigado; não tenho tempo. Os doentes estão na agonia. Vá soccorrer aquella pobre moça. Ainda podem sobrevir convulsões e delirio. Poucas horas hão de durar.

CANDIDA

Na agonia?! Santo Deus... Eu bem dizia que a casa tinha mau agouro. Não quizeram chamar a Libania para benzer... Na agonia?! Coitadinha da moça. Talvez a Libania... Vou buscar uma vela benta para lhes pôr nas mãos.

O MEDICO

Sim; chamem a Libania. (*Affasta-se sorrindo*).

Na sala, Giovannina permanece de pé, os braços pendentes, muito pallida, lançando lentos olhares da Madona á alcova dos enfermos. Luigi mastiga um pedaço de pão, tamborilando com os dedos na vidraça.

CANDIDA (*entrando com nma vella de cera e um crucifixo*)

Tenha fé em Deus, D. Giovannina, tenha fé em Deus. Si quer, eu mando buscar a Libania. Talvez seja tempo ainda.

GIOVANNINA

Mande... mande... depressa...

A crioula dá a Luigi um longo recado para a feiticeira, com muitas recommendações a respeito do modo de encontral-a e da urgencia do chamado. Luigi parte correndo. Candida penetra na alcova, colloca o crucifixo sobre uma cadeira entre os dois leitos. Fixa a vela de cera num castiçal de latão e accende-a. Giovannina acompanha-a automatica, como uma somnambula. Estremece ao contemplar o semblante cadaverico dos pais, á luz funebre do cirio.

GIOVANNINA

Não é possivel... não é possivel... Isto é um sonho horroroso! Ambos

ao mesmo tempo... Não é possivel...

CANDIDA

Tenha fé em Deus. Faça uma promessa a Nossa Senhora da Apparecida. A Libania não tarda.

Giovannina ajoelha junto aos moribundos. Toma-lhes as mãos; beija-os, ora um, ora outro; acaricia-lhes os cabellos; arranja-lhes os cobertores, com infinita meiguice.

GIOVANNINA (*baixinho*)

Papai... mamãi... respondam. E' Giovannina... quem está aqui. E' Giovannina que estimaes tanto... e a quem sempre attendeis... Papai, mamãi ficai bons... Não me deixeis no mundo... Não me abandoneis... Sentis frio? Tendes sêde? Vossas mãos estão geladas e cobertas de suor... Papai... mamãi... E' Giovannina... Tende pena de mim...

Longo silencio

BENEDETTO (*a voz sumida, tropega*)

Os trigaes estão maduros e o café

tambem. A neve vai cair. O rio enche ... O navio caminha ... Terra nova ... terra nova ...

GIOVANNINA

Papai fala ... Papai está melhor ... Sou eu, papai ... Abençoa-me ... abençoa-me.

BENEDETTO

Italia ... Miseria ... Outra patria ...

Solta uma risada, e recai na modorra. A respiração vai-se lhe amortecendo e o corpo inteiriçando.

GIOVANNINA (*voltando-se para Isabella*)

Fala tu, mamãi, fala, por piedade ... Não morre, não, mamãi. Ou leva-me comtigo ... Mamãi ... minha querida mamãi, mamãisinha, mamãisinha ...

ISABELLA (*balbuciando*)

Gualtiero ... Gualtiero ... Vem cá ...

GIOVANNINA

Ah! meu irmão! Tinhas razão, talvez ... Porque partimos? Porque partimos?

Encosta o rosto na mão de Isabella. Soluça desesperada. Candida, de joelhos ao lado della, mexe os labios, resando, e desfia um rosario. Lagrimas longas lhe adamantinam a treva da face. Benedetto exhala um fundo gemido e expira.

CANDIDA

D. Giovannina... D. Giovannina... Vá para fóra... Não remedeia nada estar aqui... Eu fico... Vá...

GIOVANNINA (*arremessando-se sobre o corpo de Benedetto, abraçando-o, beijando-o, como doida*)

Papai... Papai... Meu Deus... Virgem Santissima... Misericordia... Não respira mais... Morreu... morreu...

Isabella se contorce toda numa convulsão. Candida procura contel-a.. Lutam. Num dos movimentos, a vela de cera tomba e se apaga. Mergulha-se a alcova em penumbra sinistra.

GIOVANNINA

Mamãi... Mamãi... socega. Papai morreu, Mamãi, papai morreu... Socega, Mamãi...

As convulsões de Isabella são horriveis. Arqueia-se com força irresistivel. Range os dentes. Espuma. Giovannina e Candida debatem-se com

ella, offegantes. A custo a impedem de se despenhar do leito. Sacode-lhe, por fim os membros violento tremor. Estende-se depois, inerte, passiva, morta.

CANDIDA

Descançou. Vá acender a vela benta, D. Giovannina. Saia d'aqui ...

GIOVANNINA

Morreram ambos ... morreram ambos ... Mas não é possivel ... Papai ? ! Mamãi ? !

Candida arrasta-a para a sala. Rapida circula no cortiço a noticia da morte. Os moradores —lavadeiras (saias arregaçadas, braços nus, largos chapeos de palha) trabalhadores, moleques maltrapilhos, invadem curiosos o aposento ; fazem commentarios em voz baixa ; vão na ponta dos pés espiar os cadaveres. Giovannina parece indifferente a tudo, sentada, o rosto occulto nas mãos. Candida, solicita, ora lhe dirige frases de animação, ora cuida dos finados. Cerra-lhes as palpebras, fecha-lhes a boca, amarra-lhes os pulsos sobre o peito, entrelaçando-lhes os dedos, sob os quaes mette imagem de santos.

JOSÉ MEDEIROS (*acercando-se de Giovannina*)

Sinto muito o desgosto da menina. E' como lhe disse, estou às suas ordens para o que quizer. Agora, mais que nunca, precisa de protecção. E é necessario tratar do enterro, sem demora.

Giovannina não responde, immovel. José Medeiros repisa os offerecimentos. Retira-se, por fim, encolhendo os hombros.

LUIGI (*entrando*)

Ahi vem a Libania ... Ahi vem a Libania ...

CANDIDA

Veio muito tarde ...

GIOVANNINA (*erguendo-se num impeto e abraçando-se com o irmão*)

Já não temos pais, Luigi, ja não temos pais !...

Choram estreitamente enlaçados. Vão, em seguida, beijar os mortos, ao pé dos quaes ha nova crise de desespero. Candida arreda-os com difficuldade, chorando tambem.

LUIGI

E que vamos fazer ?

GIOVANNINA

Não sei ... não sei... o que Deus fôr servido.

CANDIDA

Não podem de maneira alguma continuar aqui. Arriscam-se a apanhar igual-

mente alguma molestia. Estas febres malignas pegam muito nos estrangeiros. Vão para minha casa. Andem. E' pequena, mas chega. Sem cerimonia. Vão. Eu fico e me incumbo de tudo, como se fosse filha delles. Coitados!

LUIGI

Oh! a fazenda!

GIOVANNINA

Sim... a fazenda...

Permanece meditativa alguns segundos. Murmura, depois, machinalmente:

— « Em toda a parte ser-lhes-ha facil encontrar casa, alimentação e bons salarios. Aqui, além de tudo isso, teriam coisa mais rara: um pouco de sincero affecto.»

QUADRO QUINTO

Ampla sala, em fórma de ferradura, de um theatro italiano. Prodiga a decoração! Columnatas, medalhões, figuras alegoricas, paineis mythologicos, doirados á larga. A plateia descamba em suave declive para a orchestra numerosa. Cinco ordens de camarotes, forrados de vermelho. Despejam-se das lampadas electricas e tudo inundam ondas de intenso luar, lacteo, rijo e frio, como marmore polido. O conjunto enleva e deslumbra. Pullula a multidão.

Que lindas mulheres povoam os camarotes, ostentando extraordinarios requintes do luxo! Que de variegadas sedas, setins e velludos, consorciados da mais graciosa maneira! Que magnificos braços e collos nús, recamados de joias e de flores! Quantos mancebos donosos, de alta elegancia, procurando dar a mais nobre postura aos corpos e a mais distincta expressão ás physionomias!

As palpitações dos leques, as scintilações dos diamantes, a profusão das cores, a multiplicidade dos semblantes e das attitudes produzem a maravilhosa impressão de um immenso kaleidoscopio vivo.

Congrega-se ali quanto possa impressionar o espirito e os sentidos. Refinadissima concreção social da sumptuosidade e do bom gosto, producto de extremada civilisação! Esmeram-se homens e coisas, por meio de mil complicados artificios, em suggerir a idéa de inexcedivel cultura, galanteria sem par, absoluta selecção.

Canta-se *Parsifal*, uma das obras primas de Ricardo Wagner.

Forma o entrecho uma legenda medieval em que ha torneios, reis acclamados e reis depostos,

castellos mysteriosos, princezas prisioneiras, feiticeiros, lanças encantadas, de cuja ponta pinga sempre sangue, proezas de paladinos, talismans,— e em que figura o S. Graal,— vaso symbolico, de estructura ineffavel, inapprehensivel ao olhar e á descripção, pelo qual, segundo uns, Jesus bebeu na ceia com os apostolos e onde, consoante outra versão, José de Arimathéa colheu gotas de sange do proprio Christo moribundo.

Da musica transborda grandiosa inspiração. Paira, por sobre as vagas sonoras, a alma das éras mysticas. A poesia profunda da cavallaria, os arroubos dos seculos ascetico, as aspirações, os soffrimentos, as phantasmagorias, os devaneios intimos de todo um enigmatico cyclo historico perpassam em estupendas combinações melodicas, das quaes cada uma evoca uma imagem ou desvenda perspectiva infinita.

E' a arte na sua mais complexa e sublime manifestação, ou antes, o concurso simultaneo de todas as artes num supremo esforço expressivo. Tragedia, epopeia, idylio, desenho, esculptura, mecanica, optica, architectura, dansa, alliam seus principaes elementos para o effeito da grande obra musical. E a torrente de harmonias empolga a inteligencia e a sensibilidade dos espectadores, arrastando-os, como num vôo, ás regiões supernas, onde longe da miseria humana, começa-se a respirar o ambiente do divino.

Terminou um dos actos. Levanta-se e agita-se a turba, ainda vibrante. Saem uns; entram outros. Vendedores de jornaes, fructas e confeitos cirandam, gritando, entre as filas das cadeiras. Mancebos de pé, voltadas as costas para o palco, assestam os binoculos, pesquizando os camarotes. Nestes fazem-se visitas, conversa-se, ri-se. Reina um borborinho alegre. Fluctua uma poeira luminosa no ar, pejada de aromas. Resplandecem as damas; e os seus pandos leques multicores batem languidos, como azas de anjos cançados ou de passaros captivos.

Junto á orchesta, varios moços encasacados, camelias e cravos ao peito, palestram a meia voz, circumvagando curiosos olhares pelo recinto.

UM MOÇO

Bella sala! Commercio, politica sciencia, artes estão representados. Formosas mulheres! Formosas mulheres! Ha muito tempo que não vejo espectaculo tão agradavel, casa tão cheia.

OUTRO MOÇO (*passando o binoculo ao primeiro*)

Repara na marqueza de Felsina e na duqueza de Cengio. Esplendidas *toilettes!* A da marqueza exagerada, como sempre. A mulher do banqueiro Cavagnola traz em si um mundo de perolas e brilhantes.

O PRIMEIRO MOÇO

E como está pintada! Olha a Diana Civello como conversa com Domenico, o celebre medico. Hum! Gestos frios e cerimoniosos em extremo, traduzindo intimidades secretas!

SEGUNDO MOÇO

Pobre marido! Mais um para a santa irmandade.

OUTRO MOÇO

O banqueiro mostra a physionomia carregada. Perderia hoje na bolsa ou surprehenderia alguma traição da sua nova amante, Bianca ... a pequena Bianca de olhos verdes e que tem um signal preto no flanco direito?!

OUTRO MOÇO

Quem será aquella senhora do terceiro camarote da segunda ordem? Não a conheço.

OUTRO MOÇO

Nem eu. E' bonita. Parece provinciana pelo vestuario. Bem bonita, sim sinhor. Vamos contemplal-a de perto. Saiamos.

OUTRO MOÇO

O *demi-monde* está tambem *au grand complet* A Clemenza, a Rachele, a Giuditta ... Não ha duvida, magnifica festa.

OUTRO MOÇO

Quem está agora com a Giuditta?

O PRIMEIRO MOÇO

Creio que é o general Marcantonio. Mas ha, já se sabe, o *amant de cœur*, um deputado napolitano muito falador, indigitado para ministro, cujo nome não me occorre. Por outro lado, da mulher de Marcantonio correm coisas extraordinarias...

Num camarote. Um cavalheiro grisalho e uma senhora de certa idade, aspecto distincto, denotando antiga formosura, conversam sentados, na frente. Um grupo de damas e rapazes, entre os quaes um jornalista, conversam de pé, no fundo, a rir.

O CAVALHEIRO

Gosta desta opera, condessa?

A CONDESSA

Oh! A principio, como toda a gente, achava Wagner insupportavel. Rossini, Meyerbeer, Verdi, nalgumas peças, eram os meus maestros. Hoje, como toda a gente, effeito da moda ou reacção da verdade, começo a apreciar Wagner.

O CAVALHEIRO

Sim; Wagner triumpha, impõe-se. Mas é preciso ir a Bayreuth para conhecer o verdadeiro Wagner. Imagine que lá a orchestra é invisivel. Nada de camarotes lateraes. Pouquissima luz. O publico vai para ouvir e não para ver ou ser visto. Alliam-se em Bayreuth a nobreza e a simplicidade do theatro antigo aos mil apparelhos complexos fornecidos pela sciencia moderna ... Um encanto ... um portento ... Genuino templo da arte sublime ...

A CONDESSA

Qual a melhor composição de Wagner?

O CAVALHEIRO

Todas excellentes. Muitos dão primazia a *Tannhauser*. A *Walkyria* offerece no primeiro acto creações geniaes. No *Gotterdamerung*, crepusculo dos deuses, en-

contram-se coisas assombrosas. E cumpre ler-lhe os livros, porque Wagner é igualmente insigne escriptor. Estupendo revolucionario ... Divino espirito, o maior do seculo ...

A CONDESSA

Que wagneriano intransigente!

O CAVALHEIRO

Porque não ha de ter a arte seus fanaticos, como a religião e a politica?

O JORNALISTA (*intervindo*)

Sabem que foi *Parsifal* quem matou Wagner?

A CONDESSA

Como assim?

O JORNALISTA

As ultimas representações de *Parsifal* em Bayreuth tinham-lhe esgotado as forças. Partiu para Veneza, afim de restaural-as. Hospedou-se no palacio Vendramini, pertencente outr'ora ao Conde

de Chambord. Trabalhava, entretanto, para dar de novo *Parsifal* na estação proxima. Um dia, ao entrar na gondola, teve, a proposito da partitura, um dos habituaes accessos de colera furiosa. De tão forte, esse lhe foi fatal. Soffria do coração. Hypertrophia, si não me engano. Morreu pouco depois. Jaz em sua quinta de Wankfried, ao lado do tumulo que erigiu ao seu cão fiel, Russ.

UM RAPAZ (*de perfil aristocratico e impertinente*)

Está bem informado, obrigação, aliás, do seu officio. Mas o essencial é que si não fosse Luiz II da Baviera, Wagner não attingiria o ponto que attingiu. E accusam a realeza! Impossiveis nas republicas taes protecções.

O JORNALISTA

Athenas, mãi das artes, era republica. Pericles ...

UMA JOVEN SENHORA (*muito magra, fealdade maliciosa, picante e attractiva*)

Oh! por quem é... Reserve a erudição para o folhetim de amanhan. Aprecio em Wagner, mais do que a musica, as excentricidades. Ganhava rios de dinheiro e vivia exhausto de meios.

O JORNALISTA

A segunda parte não constitue excentricidade. Ao contrario, é facto muito commum.

A JOVEN SENHORA

Desejo que não fale por experiencia propria. Mas Wagner viajava levando comsigo a decoração do seu quarto de dormir, que devia ser forrado sempre de setim azul ou verde pallido ... Uma costureira de Vienna preparava as roupas com que elle trabalhava: corpetes de seda côr de rosa, *robes de chambre* vermelhos, reçumantes de laços de fitas e bordados. Usava camisa de rendas e botinas de setim claro.

O JORNALISTA

E era doido pelo perfume das rosas. Os aposentos que occupava nos hoteis rescendiam a rosa por longo tempo, assignalando a sua passagem ...

Num camarote fronteiro, duas damas, uma velha e outra moça, tomam sorvetes observando attentamente o camarote da condessa.

A MOÇA

Delicioso gelado... sente-se o gosto da fruta. Mas receio me faça mal.

A VELHA

Realmente, deves estar fatigada. A estação tem sido de divertimentos excessivos: *garden-parties*, banquetes, bailes ... Amanhan não podemos deixar de comparecer ao concerto de caridade ... E' demais.

A MOÇA

Olha que *toilette* extravagante a da condessa Ernestina ! Que falta de gosto. Dis-se-ia uma libré funebre.

A VELHA

Lucto talvez pelas enormes perdas que o conde soffre ao jogo.

A MOÇA

Que lhe estará a contar o importuno barão Carlos? Sem duvida somnolentas tiradas sobre musica do futuro, quando nem da presente entende patavina, e descripções de Bayreuth, onde nunca poz o pé. Uma mania como outra qualquer. A nós, não nos visita elle.. Descortez ...

A VELHA

No fundo do camarote vejo a pequena Sara. Não sei como a condessa a tolera. Asseveram que é espirituosa. Não passa da lingua mais maldizente da Europa. Está atassalhando, de certo, a reputação alheia.

A MOÇA

E cada vez mais magra. Uma indecencia andar decotada. Que claviculas, que braços, similhantes a palitos!

A VELHA

Precisamos procural-a. Ha duas semanas que não lhe deixamos um simples cartão ...

Nos corredores, entrecruzam-se pessoas que passeiam. Comprimentam-se. Param algumas em rapidos colloquios. Ligeira fumaça, cheirando a charuto, sobe do buffet, donde saem tinidos de louça, estouros de rolhas, brados confusos, gargalhadas.

UM RAPAZ (*disfarçadamente a uma mulher espaventosa que passa*)

Estás radiante, Cecilia. Com quem vais ceiar?

A MULHER

O Arturo convidou-me, mas receio me pregue calóte. Se quizeres, te esperarei, depois do espectaculo, á porta da esquerda.

O RAPAZ

Está dito.

UM BANQUEIRO (*num canto, interpellando um collega*)

Que ha de novo? Subirão amanhan os fundos turcos? Confirmou-se o boato

de que a Hespanha vai contrahir novo emprestimo? Qual a taxa provavel da emissão?

O SEGUNDO BANQUEIRO

A bolsa amanhan vai ser quente. Póde-se ganhar muito ouro... muito ouro. Jà estudaste o negocio das minas mexicanas? Parece-me que os titulos de prelação...

O PRIMEIRO BANQUEIRO

Con franqueza, meu velho, és muito fino e muito meu amigo. Mas não me passas e perna nessa historia de titulos mexicanos, como tens feito a tanta gente boa. Estou a par do segredo...

Riem os dois. Acerca-se um politico a quem ambos saúdam reverentes, indagando solicitos da saude de.1?.

O SEGUNDO BANQUEIRO

Que novidades ha, meu caro senador, nas espheras superiores?

O SENADOR

Consta que o czar da Russia expediu um telegramma gentillissimo ao presi-

orchestra, sim, registrei varias hesitações. Vou ser severo em meu folhetim.

O PRIMEIRO CRITICO

Ora, deixa-te disso. A orchestra tem-se portado de modo admiravel. O que ha é que estás zangado com o regente...

UM SUJEITO (*chamando outro para um canto*)

Não se esqueça de que a sua letra se vence dentro de tres dias. O credor não tolera demoras. Veja meios de pagar.

O SEGUNDO SUJEITO (*typo de janota, perolas no peito da camisa e nos punhos*)

Diabo...diabo... E estou com a caixa archi-vasia. Em summa: adiemos para amanhan os negocios sérios. Por agora, tratemos de nos divertir.

Um cavalheiro dando o braço a uma dama que arrasta soberba cauda de velludo.

A DAMA

E' então coisa assentada o casamento do advogado Baltasare com a viuva Olivia Saraiva ? !

O CAVALHEIRO

Por estes dias assignam o contracto. Participou-m'o elle, ha momentos, radiante de jubilo.

A DAMA

Ella é tão feia ...

O CAVALHEIRO

Mas é tão rica. Depois, si só as bonitas se casassem que seria do matrimonio?

Na frente de um camarote, um rapaz troca frases cerimoniosas com uma senhora, que não o encara, interessada pelo aspecto da sala. O semblante de ambos patenteia indifferença e tédio.

O RAPAZ

Amo-te sempre; amo-te cada vez mais. Nada ouvi, nada vi. A minha celeste harmonia, o meu talisman, o meu S. Graal és tu. Por ti, como Parsífal, eu me atreveria a ferir combates contra forças sobrenaturaes. Amo-te muito, crê.

A SENHORA

Mais baixo... mais baixo... Podem ouvir... Já desconfiam. Elle ahi vem.

O RAPAZ

Que me importa... Poderei encontrar-te amanhan em nosso retiro?

A SENHORA

Talvez.

O RAPAZ

Talvez, não. Dize que sim.

A SENHORA

Que é que exiges, que eu não faça?

O RAPAZ

Obrigado, obrigado. Amanhan, ás 3 horas, sem falta.

Faz á senhora uma mesura de etiqueta e sai phleugmaticamente.

Na platea, em cadeiras de segunda classe, um homem avelhantado, physionomia simploria, e uma mulher madura, de vestuario estridente, carregada de joias de mau gosto.

O HOMEM (*bocejando*)

Queres que te fale com franqueza? Isto está summamente aborrecido e eu caindo de somno. O tal Wagner não me pilha mais. Vamos embora, que tenho de abrir a loja amanhan muito cedo.

A MULHER

Bem indicas que és uma alma rude, sem sentimento artistico. Havemos de ficar até o fim.

O HOMEM

Deixa-te de historias. Achas Wagner tão insupportavel quanto eu. Conheço-te ha vinte annos! O que queres é mostrar o teu vestido novo e fingir que entendes destas musicas difficeis. Vamonos deitar.

A MULHER

Os bilhetes custaram tão caro! E' preciso aproveitar tudo.

Na galeria superior, reservada á plebe, dois estudantes modestamente vestidos, frontes intelligentes e sonhadoras.

O PRIMEIRO ESTUDANTE

Acertei em empenhar o relogio, afim de vir a este espectaculo. Lá está num camarote a minha princeza. Que linda! Tem o porte de Juno e a candi-

dez da Virgem Maria. Como a adoro! Não ser eu Petrarca para immortalisar a nova Laura!

O SEGUNDO ESTUDANTE

E ella corresponde?

O PRIMEIRO ESTUDANTE

Nem suspeita a minha existencia. Eu mesmo ignoro-lhe o nome. Sei vagamente que é filha de uma marqueza. Que importa! Amo-a com todas as forças do meu ser. E' a minha musa, o meu idolo, a minha estrella. Ha um mez que dispendo o pouco que ganho em percorrer todos os lugares publicos onde presumo encontral-a. Contempla-a de longe um segundo basta a illuminar-me infinitamente o coração.

O SEGUNDO ESTUDANTE

Eu tambem empenhei não o relogio, pela simples razão de que não possúo esse burguez e inutil objecto, mas todos os meus livros de estudo para

comprar um bilhete. Minha paixão é a musica. A harmonia me embriaga como um vinho divino :

«Fille de la douleur, Harmonie ! Harmonie !
Langue que pour l'amour inventa le genie !
Qui nous vint d'Italie, et qui lui vint des cieux.»

O PRIMEIRO ESTUDANTE

Ah ! citas Musset ? Pois eu cito o meu incomparavel Petrarca, benemerito da humanidade, não pelas suas obras de philosophia ou pelas suas missões diplomaticas, porém por ter amado sem esperança uma mulher :

«Amor que nel pensier mio vive e regna,
E'l suo seggio maggior nel mio cor tene,
Talor armato nella fronte vene,
Ivi si loca ed ivi pon sua insegna ...

Mais adiante dois individuos de catadura sombria, um na força da idade, outro em plena juventude, fitam a sala com expressão de odio feroz.

O MAIS IDOSO

Sociedade criminosa e cynica ! Quanto disperdicio ! Quanta ostenta-

ção ! Ao passo que os maus aqui se refestelam, os bons, os proletarios gemem e se estorcem nas garras da miseria ! Que iniquidade, Gualtiero !

GUALTIERO

Mas essa ignobil sociedade foi condemnada. O castigo não tarda, companheiro.

O COMPANHEIRO

O castigo não tarda. Não bastam, porém vinte ou trinta execuções, como as que effectuar-se-ão hoje neste palacio do vicio ! Cumpre destruir tudo, aplainar a terra, tornal-a apta para as novas construcções.

GUALTIERO

Eis, debaixo de minha capa, a bomba vingadora que abalarà tal sociedade em seus fundamentos. O importante não é o numero dos executados, mas a formidavel significação do acto. Como vão tiritar de medo os infames potentados !

STANFORD LIBRARIES

O COMPANHEIRO

Bem, Gaultiero. Não te falhe a mão no momento decisivo. Atira a bomba no centro da sala, de modo que os estilhaços se utilisem, fazendo a vingança a mais ampla possivel. Avisar-te-ei na occasião opportuna.

GAULTIERO

O meu braço não vacillará. Dediquei-me inteiro á santa cruzada da anarchia. Nada me prende ao mundo.

O COMPANHEIRO

E tua familia ?

GUALTIERO

Pai, mãi, irmão, irman, partiram para plagas distantes, tocados da miseravel ambição da riqueza. Até tu, Giovannina, tão meiga, tão pura, não te conheço mais ! Abomino a vida. A sorte designou-me para a realização da sentença. Bemdita sorte ! Meu braço não tremerá. Avisa-me, companheiro, avi-

sa-me no minuto propicio. Cumprirei o meu dever, de fórma digna de mim e da nossa terrivel e justiceira missão.

O COMPANHEIRO

O teu dever?! Acho-me a teu lado para lembrar-t'o e punir-te, caso hesites. Animo! O grandioso instante se approxima.

Tilintam as campainhas electricas, annunciando a continuação do espectaculo. A multidão volta pressurosa a seus lugares. O regente da orchestra, emergindo do mar de cabeças descobertas da plateia, empunha a batuta, prestes a desencadeiar a canora catadupa. Por sobre o ruge-ruge das sedas e o arrastar das cadeiras, solemne silencio se alastra O regente acena. Sóbe lento o panno: os instrumentos partem, em meio de religiosa attenção.

Deliciosa symphonia, numa adoravel decoração de sonho! Celebra-se a placidez da natureza num dia de natal primaveril. Gorgeios, susurros de folhagens, trepidações de regatos, frescores, tons verdes de arvores, sombras, aromas sylvestres, a serenidade melancolica dos campos, o anilado remoto das montanhas, a transparencia do firmamento, tudo a musica traduz de modo suavissimo, de uma doçura insinuante, de uma meiguice que banha as almas de caricias ethereas, mergulhando-as num embevecimento de calma e plenitude ineffaveis.

O COMPANHEIRO DE GUALTIERO

Agora... agora, irmão.

GUALTIERO (*livido, erguendo-se, bradando*)

Viva a revolução social! Viva a anarchia!

Arroja com força a bomba no coração da sala. Detonação formidavel! O edificio inteiro estremece dos alicerces á cupola, presa de vehemente convulsão. Apagam-se as luzes. A musica cessa de subito e é substituida por brados de terror, fracassos, baques de corpos, estrepitos de vidros partidos, tropel de gente que se evade allucinada. O tecto parece desmoronar-se. Turbilhonam nuvens de poeira faiscante.

E' medonha a catastrophe! O infernal apparelho estilhaçou-se, espalhando a morte e o estrago por todos os lados. Objectos inoffensivos, cadeiras, instrumentos da orchestra, lampadas, transformaram-se em terriveis projectis, propellidos pela explosão. Enorme a confusão panica do primeiro instante! Todos gritam, todos saltam, todos correm, todos, num desespero, se precipitam para as saidas. Ficam apenas ao desamparo os que morreram de golpe ou receberam ferimentos mortaes.

Cavalheiros que, minutos antes, ostentavam primores de galanteria, cedendo o lugar, reverentes e gentis, ás delicadas damas, rivalisam agora com ellas em brutalidade, atropelando-se, pisando-se mutuamente, querendo passar, querendo fugir, num irresistivel arranco do instincto de conservação, cégos, surdos, delirantes, mudados, de repente, em féras doudas.

Nas portas estreitas, esmagam-se, suffocam-se. Abalroam-se nos corredores, rolam as escadas; e os que, após mil esforços desvairados, logram chegar á rua, disparam ás tontas, rotos, sem chapéu, as mulheres simi-núas. Só ao cabo de alguns segundos de desatino egoista, readquirem a consciencia da realidade e começam então freneticos appellos,—pais clamando por filhos, maridos pelas esposas, prantos, soluços, imprecações.

Ondas de curiosos accorrem ás immediações do sinistro. Apparecem os representantes da autoridade, soldados a cavallo, bombeiros, com suas machinas luzentes, recalcando o povo que mais e mais se agglomera. Trilam apitos, cruzam-se ordens desencontradas, chegam e partem carros á redea solta.

Mas, a pouco e pouco, adoptam-se providencias

para combater o incendio e restabelecer a calma. Organiza-se o serviço de soccorros e remoção das victimas. O *foyer* do theatro, vasta galeria cheia de espelhos e estatuas, converte-se em hospital. Sobre cadeiras doiradas e sobre os leitos de campanha trazidos de um quartel proximo, depositam-se os corpos transportados da sala em ruinas.

Ha mutilações horrorosas. Aqui, uma bonita joven, compridas luvas claras até os cotovellos, o collo descoberto, os cabellos castanhos engrinaldados de violetas, tem as pernas esmigalhadas, fendido o ventre, donde, entre retalhos de seda, escorre uma lama rubra. Ali, a um tronco de homem, de casaca, botões de brilhantes, camelia ao peito, falta uma parte da cabeça. Faces rasgadas, mãos em tiras, olhos vasados, fracturas, contusões de toda a especie! Muitos morreram da asphyxia proveniente da compressão: salientes as pupillas, a lingua pendente, congestos. Dir-se-ia opulenta ambulancia, após crudelissima batalha, em que os combatentes houvessem pelejado em trajos de baile, o que lhes realça o horror dos golpes soffridos.

A um canto, amontoam-se objectos abandonados, leques, bengalas, lenços, joias, pelliças; e adiante, fragmentos humanos,—pernas braços, dedos sem dono. Cirurgiões, em collete, manejando utensilios de prata, tresandando a acido phenico, encetam azafamados o seu trabalho. Nodoas de sangue em toda a parte, nas mangas das camisas, nas paredes, no assoalho de mosaico.

Policiaes postados ás portas vedam o ingresso. Mas *reporters*, tomando notas, parentes e amigos dos feridos penetram á força. Dão-se pungentes scenas de reconhecimento, exclamações, abraços, caricias insanas a cadaveres desfigurados.

E no meio da turba tragica, vagam despercebidos, tremendo de frio e medo, alguns actores e bailarinas da opera,—estas ainda de saiote de gaze, como [illegible] mostra, aquelles em trajos medievaes, longas [illegible]mas e espadas,— todos com profunda expressão de estupor nas faces tintas de alvaiade e carmim.

Um grupo de sujeitos mal encarados afasta-se cauteloso do theatro.

UM DOS DO GRUPO

Muito bem! muito bem! a lição foi tremenda e repercutirá pelo mundo inteiro.

OUTRO

E Gualtiero?

O PRIMEIRO

Foi preso ou succumbiu tambem. Desappareceu.

O SEGUNDO

Bem haja o seu nome. E' mais um heróe da santa causa. Si morreu, fel-o denodado em seu posto. Aprendam com elle os novos companheiros.

O PRIMEIRO

Tratemos agora de nos acautelar. A policia vai andar vigilante por algum tempo e não nos devemos sacrificar esterilmente. Por hoje, está cumprido o nosso dever. Durmamos em paz. E havemos de triumphar, companheiros, havemos de triumphar. Paciencia e coragem!

[illegible]

[illegible] Hermos

[illegible]

QUADRO SEXTO

Pequena estação de estrada de ferro insulada na solidão. A um dos lados do ligeiro edificio, corre caudaloso rio, cavalgado por uma ponte. Ao outro lado, numa clareira, eleva-se miseravel venda. Atraz, um caminho pedregoso e barrento vai colleando pela mata a dentro. Matas e morros obstruem o horizonte. Fios telegraphicos no ar e trilhos na terra se estiram a perder de vista.

Junto á balança, na plataforma, empilham-se saccos de café. Em frente á porta da venda, animaes sellados, amarrados pelo cabresto a páus a pique, abanam moscas com a cauda.

No escriptorio, o telegraphista dedilha somnolento o apparelho electrico. Não menos entediado, o agente percorre um jornal.

Profunda paz indolente! A natureza selvagem constrange e opprime aquella guarita isolada da civilisação.

O AGENTE

O *S* I está demorado.

O TELEGRAPHISTA

Já pediu licença ha tres quartos de hora.

O AGENTE

Talvez descarrilhasse na rampa perto do tunnel.

O TELEGRAPHISTA

São os costumados accidentes. Com as chuvas desabam facilmente barreiras.

O AGENTE

O estado de conservação da linha é pessimo. A administração faz politica, em vez de olhar para os dormentes podres e o material rodante estragado...

Recaem no silencio. Ouve-se o marulho do rio e as patadas dos animaes nas pedras do chão. Da venda evola-se um murmurinho de vozes lentas. De repente, ronca distante o barulho do trem. Estruge em seguida um silvo da locomotiva, que echos remotos reproduzem.

O AGENTE

Ahi vem afinal o *S 1*.

O TELEGRAPHISTA

Quasi uma hora de atrazo.

O agente levanta-se empunhando uma bandeirola. Anima-se um tanto a estação. Saem da venda tres caipiras fumando compridos cigarros, calças arregaçadas, pés nús e armados de largas esporas. Um moleque traz uma bandeja com chicaras de café e biscoitos de polvilho.

O barulho do trem avulta, como o de uma onda rolando. Eis a machina que chega, a bufar. Meia duzia de passageiros de primeira classe, as roupas sujas e amarrotadas, debruçam-se das janellas. Em asperos bancos da segunda classe amontoam-se trabalhadores e negros, rodeiados de

embrulhos, —os negros com as carapinhas grisalhas de pó. Alguns individuos desembarcam um instante para esticar as pernas. Varios tomam o café que o moleque apregôa. Outros bebem agua ás carreiras.

Curta a parada ... O agente toca uma sineta; agita a bandeirola. O trem apita, põe-se de novo em marcha, foge, desapparece, devolvendo a estação ao seu marasmo.

Ficaram apenas dois passageiros de segunda classe, vestidos de lucto, tendo uma trouxa por unica bagagem. São Giovannina e Luigi. As pessoas da estação, depois de os fictarem um minuto com curiosidade, retiram-se indifferentes. Os caipiras montam a cavallo e partem O telegraphista continúa a remexer no apparelho, emquanto o agente escreve, bocejando.

Ampla tristeza lethargica reempolga tudo.

LUIGI

Estamos emfim na estação. D'aqui á fazenda são cinco leguas.

GIOVANNINA

Partamos sem perder tempo. Devemos lá chegar antes de noite fechada. Não ha onde dormir pelo caminho.

LUIGI

Vamos.

Carrega a trouxa, soltando um suspiro, e seguido de Giovannina, envereda pela estrada atraz da estação. Galgam suave ladeira e logo se encontram em pleno ermo, uma bronca picada, emmoldurada e abobaddaa de mato, vinca'a de rastos de tropas e de sulcos produzidos pelos cárros de bois.

LUIGI

E regressamos á roça donde não deveramos ter saido! Respiro outra vez em liberdade. Fomos bem poucos felizes na capital. Não trouxe saudades.

GIOVANNINA

Nem eu. Só me lembro da Candida. Que santa creatura! Quanto nos valeu no terrivel lance que atravessamos! Em todo o caso, devemos dar graças a Deus: vendendo o que possuiamos, pagamos todas as dividas e enterramos decentemente nossos pais. Resta-nos pouco. (*Apontando para a trouxa*) Nossa riqueza inteira aqui vai. Mas estamos livres. Foi a Candida quem nos obrigou a sair immediatamente da cidade, receiosa de que a epidemia nos victimasse tambem. Resolvemos a viagem um pouco no ar, sem reflectir. Eu cedi, incapaz de objecções, acabrunhada pela recente catastrophe. Durante o trajecto, vim meditando que andamos talvez precipitados. Tam-

bem não tinhamos escolha. Só conhecemos a fazenda do Sr. João Carlos. Em summa...

LUIGI

Noto em ti certa repugnancia por essa fazenda.

GIOVANNINA

Em mim ? ! Não ... E, agora, que remedio ? E' seguirmos para lá. Animo! A alma de nossos pais véla por nós.

LUIGI

Sabes o caminho ?

GIOVANNINA

Não estou bem segura, mas havemos de acertar. Fomos e viemos, graças á bondade do Sr. João Carlos, em carro de bois, de sorte que pouco observei. Vamos indo.

LUIGI

E que tencionas fazer ? Ficar em casa do Sr. João Carlos ?

GIOVANNINA

Não. Pedir-lhe-ei sómente que nos empregue em outra fazenda de seus amigos ou parentes.

LUIGI

Mas porque não ficaremos na do Sr. João Carlos, onde nos demos bem?

GIOVANNINA

Porque não ... porque não ...

Caminham calados. Caminham ... Caminham .. Sobem morros, descem encostas, sobem outros morros, descem outras encostas. Soledade absoluta! Apenas encontram bois e cavallos nos pastos, lobrigam sabiás e bemtevis que trinam voando, cotias que se evadem ariscas, lagartos tomando sol. A estrada descreve frequentes curvas ondulantes; agora se afunda, logo se empina; ora corta verdes descampados, ora margina catingas de arvoretas tortuosas e esparsas, ora ladeia massiços de folhagem, jazidas de troncos carbonisados, cercas brutas feitas de tócos velhos, despenhadeiros, no fundo dos quaes corregos trepidam. Grandiosas as paisagens, mas de um grandioso solemne e triste.

De subito, um estrupido, brados ... E' uma tropa. Desfilam a madrinha, ornada do tilintante cincerro, as mulas com as cangalhas e sobre o couro que as rebuça o cambito arvorado como a haste de um pavilhão, por fim o tropeiro, o busto nú, garrucha e faca de ponta na cinta, cigarro atraz da orelha. Ao dar com Giovannina e Luigi a tropa se esparrama. Algumas mulas param, afocinhando a herva.

O TROPEIRO

Eh! mula! Eh diacho! Anda, Rubim... Olha Mulata... (*Avistando Giovannina*) Bons dias, siá dona.

GIOVANNINA

Bons dias. Tenha a bondade de me informar quanto dista d'aqui á fazenda do Sr. João Carlos?

O TROPEIRO

Poderá ter cinco leguas pequenas.

GIOVANNINA

E daqui á estação?

O TROPEIRO

Legua e meia grande.

GIOVANNINA

Qual o caminho?

O TROPEIRO

Não tem quasi errada. Và caminhando por ahi afóra até bater na encruzilhada. Na encruzilhada, quebra á direita. Vá andando ... vá andando até outra encruzilhada. Ahi quebra á es-

querda. Tem uma porteira. Não faça caso da porteira, quebrando outra vez á esquerda. Depois, tem uma chapada, depois uma vargea, depois uma capoeira, depois outra porteira, depois está lá.

GIOVANNINA

Obrigada! *(o tropeiro afasta-se)*.

LUIGI

Entendeste?

GIOVANNINA

Não muito, mas vamos indo, com auxilio de Deus.

LUIGI

O peior é que a distancia augmenta. Na estação eram cinco leguas. Já são agora seis e meia.

Caminham de novo silenciosos, durante extenos trecho. Sempre a mesma perspectiva,— accidentada, magnificente, melancolica. De raras choças de sapé, perdidas aqui e ali, apruma-se, — unico indicio de vida,—um movediço corruchéo de fumaça. Topam um menino montado num cavallo em pello.

GIOVANNINA

Faça o obsequio de me dizer quanto ha daqui à fazenda do Sr. João Carlos?

O MENINO

A' fazenda do Sr. João Carlos?

GIOVANNINA

Sim.

O MENINO

Cinco leguas boas.

GIOVANNINA

E d'aqui á estação?

O MENINO

A' estação?

GIOVANNINA

Sim.

O MENINO

Tres leguas pequenas.

LUIGI

E' então muito longe a fazenda?

O MENINO

E' assim como daqui á casa de minha avó.

Luigi ri-se. O menino desconfiado bate com os calcanhares no animal e deixa-os. Caminham outra vez; caminham... Limpido em começo, o céu entra a escurecer. Densos nimbos o invadem. De chofre, chove violentamente. A estrada se transforma em lamaçal. Caldeirões atoladiços se cavam. Giovannina e Luigi, impossibilitados de andar, abrigam-se enxarcados debaixo de uma gamelleira.

LUIGI

Parece que nunca chegaremos. As taes cinco leguas crescem, em vez de diminuir.

GIOVANNINA

Havemos de chegar, si Deus quizer, havemos de chegar. Mais um pouco de animo e paciencia.

LUIGI

E eu com fome! Minha sina é sempre sentir fome!

A chuva passa. Proseguem pela estrada escorregadiça. Abrem frequentes porteiras, que chiam prolixas e estridulam. Avistam um rancho,—tosca palhoça erguida sobre esteios. Uma tropa está arranchada,—as cangalhas deitadas circumflexas em enfiada, os couros desdobrados no chão. Animaes,

presos ás estacas fincadas em frente do rancho, trituram o milho dos embornaes, emquanto o arrieiro os vai raspando. Outros arrieiros atalham cangalhas desconcertadas. Outros, sentados no solo com as pernas estendidas, endireitam em pequenas bigornas cravos para ferraduras. A panella de feijão suspensa de uma tripeça fumega sobre o fogo de gravetos. Giovannina e Luigi se avizinham, sem que lhes prestem attenção.

GIOVANNINA

E' muito longe daqui á fazenda do Sr. João Carlos?

UM ARRIEIRO

Pouco mais de cinco legoas, pelo atalho.

GIOVANNINA

Poderei lá chegar ainda hoje?

O ARRIEIRO (*fitando o céu*)

Pode, que ainda ha quatro braças de sol.

GIOVANNINA

E qual o caminho do atalho?

O ARRIEIRO

Enxerga ali aquelle morro?! Pois bota o morro nas costas e vai andando

assim com elle toda vida, sem se importar com as encruzilhadas, nem nada, que chega lá. Num esquipado, a gente vai num pulo.

GIOVANNINA

Bem. Obrigada.

O ARRIEIRO

Agora sià dona não pòde ir sem provar do nosso café.

Servem em cuités o cheiroso café coado num sacco de baeta. Obrigam Giovannina e Luigi a aceitarem tambem fatias de requeijão que tiram das bruacas. Offerecem aguardente que denominam: a branca. Lhanos, respeitosos, chãos! Giovannina agradece e prosegue com Luigi.

Percorrem presentemente terrenos mais cultivados: pingues capinzaes, milharaes bastos, cannaviaes brandindo as folhas como espadas, grupos de bananeiras similhantes a feixes de flammu'as, tayobas e inhames parecidos com escudos, e, nas meias laranjas, destacando de tudo, pelo seu alinho, cohortes e cohortes de cafesaes.

Esbarram de subito numa cruz, construida de dois galhos amarrados com um cipó. Circumdamna monticulos de seixos.

LUIGI

Aqui foi enterrado alguem. Estas pedras significam homenagem dos que passam.

GIOVANNINA

Vejo boninas e sambambaias, artisticamente recortadas. Vamos deixar a quem aqui descança um ramalhete sylvestre.

LUIGI

E' tarde. Isso nos atrasarà a viagem.

GIOVANNINA

Não importa. Façamol-o em lembrança de nossos pais, que nos abençoarão.

Formam o ramo e o depositam ao pé da cruz. Cai rapida a noite. O silencio e a solitude se intensam. Não é bem silencio, mas uma especie de massa fluida, informe, de vibrações surdas, longinquas, immensas, boiando invisivel e a esmo na amplidão. A natureza se mostra mais enigmatica e mais triste. Pios dolentes angustiam o ar. Bafos gelidos arrepiam as folhas. Parece que Giovannina e Luigi se aprofundam no isolamento.

LUIGI

Estou cançado ... estou cançado ... Interminaveis cinco leguas ... Cinco leguas malditas!

GIOVANNINA

Apoia-te em mim para repousares. Si não poderes mais, a Madona me concederà forças para te carregar. Coragem! Está proximo o fim!

LUIGI

Imitarei teu exemplo. Caminharei sem me queixar.

Andam... andam... mudos, tropegos. Concentrou-se a treva e diffundiu ondas lutulentas em tudo. Os viajores enfiam por delgado trilho, no coração da mata, ladeiado de altos barrancos. Arvores colossaes se arrojam á altura, tapando o céu. Dos braços hirtos e cerdosos dessas arvores pendem milhares de lianas, lembrando legiões de cobras enforcadas. A sombra ahi se povôa de sombras mais sombrias, o silencio de rumores confusos e ainda mais mysteriosos, escapos dos recessos da treva. Ha suspiros, cochichos, zumzuns, ranger de ossos, risos encobertos, passos apagados como na camara de um morto. Afigura-se imminente a sorpreza de terrivel arcano, o advento de factos sobrenaturaes. Dir-se-ia que as coisas inanimadas se aprestam para cobrar phantastica vida e fazer estranhas revelações. Erram longos espectros, arrastando crepes, que os vagalumes rendilham de lentejoilas intermittentes. Confrangido, Luigi se conchega da irmã.

LUIGI

Tens medo, Giovannina?

GIOVANNINA

Na culta Europa ou perto da cidade, teria. Aqui, não. São inoffensivos e benignos os homens e os animaes do interior do Brazil.

LUIGI

Que horas serão ?!

GIOVANNINA

Não sei, mas devemos estar perto, que de sobejo temos andado.

LUIGI

E quanto nos restará andar, santo Deus ?!

Saem da mata e desembocam numa varzea. A noite constella-se, mas a estrada batida sumiu-se sob espessa vegetação rasteira. Impossivel orientarem-se. Atolam os pés num brejo, onde insistente serrazina, como a serrilhar ferro, uma orchestra de rans.

LUIGI

Bonito ... bonito ... acabou-se o caminho ... Para onde havemos de ir ?!

GIOVANNINA

Caminhemos sempre... Ha de haver sahida.

LUIGI

E' imprudencia continuar. Podemos tombar nalgum precipicio, afogarnos num lodaçal. Sentemo-nos até volver a madrugada.

GIOVANNINA

Sobe a uma arvore. Descobre alguma luz que nos sirva de farol.

Retrocedem á mata. Luigi trepa ao cume de um alteroso tronco, afugentando um bando de passaros qus batem as azas irritados e lugubres.

GIOVANNINA

Que avistas, Luigi? !

LUIGI

Trevas... uma mar de trevas ... trevas... só trevas ...

GIOVANNINA

Haverá esperança de luar?

LUIGI

Qual! Ha estrellas... muitas estrellas ... mas pequeninas, solitarias, perdidas, como orphans ... como nós ...

Luigi desce. Os dois irmãos se assentam ao lado um do outro, debaixo da arvore, subjugados de desalento infinito. Ao cabo de algum tempo, Luigi adormece. O olhar de Giovannina, naufrago da escuridão, luta e se debate nas vagas negras que o assoberbam.

Mas, eil-a que tira do seio a imagem da pequena Madona, abraça-a, beija-a, ajoelha-se, alça a vista á cupula frondente, pelos intersticios da qual, como fios subtis de aranhas de ouro, escorrem tenues scintillações sideraes.

GIOVANNINA (*murmurando*)

Santa Madona, que tens cem annos, confidente, protectora, doce amiga de minha mãi e da mãi de minha mãi... Em nome das afflições que lhes leniste, das consolações que lhes concedeste, da fé que lhes inspiraste, compadece-te de mim, illumina, inspira, abriga o meu coração. Sê minha amiga tambem, oh Virgem pura, ampara-me e conforta-me, como amparaste e confortaste á minha mãi e á mãi de minha mãi. Vê como estou hoje abandonada no mundo e me

cabendo velar por meu irmão! Pouco te peço, milagrosa imagem: dá-me apenas disposição para o trabalho e energia para o cumprimento do dever. Santa Madona que tens cem annos, ajuda-me, por piedade, ajuda-me a carregar a minha cruz!...

Depois da oração, Giovannina se recosta serena ao pé de Luigi e parece dormir como elle. A noite prosegue seu itinerario, balisado de astros. Vem dos espaços uma paz, um recolhimento augustos. Ouve-se improvisamente o tropel de um cavallo. Giovannina e Luigi levantam-se sobresaltados. O tropel já augmenta, já esmorece. Acerca-se, por fim. Distingue-se um vulto.

LUIGI

Quem vem lá?

O CAVALLEIRO (*parando*)

Sou eu, Mathias, camarada do Sr. João Carlos.

LUIGI

Está muito longe a fazenda delle?

O CAVALLEIRO

Está pertinho. Isto aqui já pertence á fazenda. E' só beirar o brejo, subir o morro, passar a porteira. Desce-se logo no terreiro.

LUIGI

Obrigado. (*voltando-se para Giovannina*) Ouves?! Graças aos céus!

O CAVALLEIRO

Eu vou a toda pressa buscar um medico para a mãi do Sr. João Carlos, que caiu com um ataque e está muito mal. Ainda tenho quatro leguas. Boa-noite! Se si dirigem para là digam ao patrão que eu volto num abrir e fechar de olhos.

O cavalleiro parte a galope. Giovannina permanece pensativa encostada á arvore

LUIGI

Vamos, Giovannina, vamos. Quasi nada falta. Em um quarto de hora chegaremos.

GIOVANNINA

Espera um pouco... espera um pouco.

Decorrem alguns minutos de silencio.... Luigi de pé, prompto para caminhar, Giovannina de novo sentada, immovel, os olhos parados.

LUIGI

Vamos, Giovannina. Dir-se-ia que vacillas à ultima hora.

GIOVANNINA

Não... não hesito. A mãi delle doente ... Precisa de soccorro. Vamos; cumpra-se a vontade de Deus.

Proseguem. Breve escutam vozes. Latidos de cães os acolhem. Entrám no recinto da fazenda. Insensivelmente se acham na porta da casa. João Carlos sái-lhes ao encontro.

JOÃO CARLOS

Será o medico?

LUIGI

Sou eu. Sr. João Carlos. Vim, com minha irman, implorar a sua protecção.

JOÃO CARLOS

Luigi! Giovannina! Não me enganaram os meus presentimentos. Voltaram! E Benedetto? E Isabella?

GIOVANNINA

Nossos pais morreram. Estamos sós na terra. Lembramo-nos de seus ge-

nerosos offerecimentos e vimos pedir-lhe trabalho.

JOÃO CARLOS

Fizeram bem, fizeram muito bem. Depois que você sahio, Giovannina, sairam tambem d'aqui a alegria e a felicidade. Tive questões com colonos, a mór parte dos quaes me deixou. Chuvas torrenciaes estragaram as plantações. E, peior do que tudo, minha mãi adoeceu, minha mãi está mal. Não imagina o transtorno que essa molestia produz. Mas como vieram vocês da estação? Vieram a pé? Já jantaram?!

GIOVANNINA

Viemos a pé.

LUIGI

Sem quasi nos alimentarmos.

JOÃO CARLOS

Devem estar mortos de cansaço e de fome. Entrem... entrem...

GIOVANNINA

Não, Sr. João Carlos. Mande dar-nos uma casa de immigrante, como antigamente. Não tenciono ficar aqui. Meu desejo é que o Sr. me obtenha um emprego em outra qualquer parte. Aqui não; aqui não ...

JOÃO CARLOS

Aqui não, porquê?! Em todo o caso, é tarde para se tratar disso. Amanhan veremos.

Impelle-os para dentro de casa.

LUIGI

E' outra coisa ... é outra coisa ...

GIOVANNINA (*baixinho*)

Santa Madona, que será de mim ?!

QUADRO SETIMO

O escriptorio de João Carlos,—grande sala caiada de branco, num dos angulos da casa. Poucos e singelos os moveis. Numa estante, encostada a um canto, volumes brochados e encadernados, papeis, mappas, objectos de agrimensor.

Espingardas de caça, facões de mato, garruchas penduradas na parede. Selins, chicotes de cabo de prata, esporas, botas de montar pendentes de um cabide.

Um largo armario, com as portas escancaradas, contem promiscuamente em frascos, latas, caixas, toda a especie de remedios, ao lado de uma balança, uma gral e outros utensilios pharmaceuticos, ou apparelhos cirurgicos. Junto á balança um formulario e um diccionario de medicina popular.

Occupa vasta mesa o centro da sala. Sobre ella jazem em confusão livros commerciaes abertos, ferramentas, jornaes, um tinteiro, pennas, amostras de café, um rolo de fumo, similhante a uma cobra negra enrodilhada.

Suspensa entre dois portaes,—uma rede.

Tudo desordenado e rustico, mas claro, espaçoso, franco...

São sete horas da manhan. João Carlos, em rigoroso luto, já attendeu a varias pessoas e desempenhou multiplices misteres. Deu ordens a um feitor que partiu para o cafezal; despachou um proprio que foi á estação; conferiu contas; registrou despezas; verificou o ponto dos empregados; releu a correspondencia do commissario; escreveu cartas. Em seguida, examinou uma mulher e duas crianças enfermas. Auscultou-as, tomou-lhes o pulso, observou-lhes a

lingua; e, depois de consultar o diccionario medico, preparou elle mesmo os remedios que entregou aos doentes, com minuciosas recommendações

Agora, eil-o só. Com a faca de ponta que traz á cinta, pica devagar um pedaço de fumo, tirado ao rolo; esfarela os fragmentos na palma da mão; enrola-os numa palha de milho que, com a faca tambem, corta e alisa; accende, por fim, longo cigarro e atira-se á rede, balançando-se lento, meditativo.

Fóra, vibra a animação da faina agricola. Os homens e os animaes que os coadjuvam entregam-se ao labor com o enthusiasmo das primeiras horas. Nos terreiros seccam camadas e camadas espessas de café. As machinas funccionam, arfando. O sol,—protogonista da divina comedia,—fez sua estreia radiosa no infinito palco azul, surdindo dos bastidores das montanhas longinquas.

GIOVANNINA (*entrando, timida*)

Dê licença, Sr. João Carlos, si não o incommodo.

JOÃO CARLOS (*erguendo-se*)

Entre, Giovannina. Você não me incommoda nunca.

GIOVANNINA

Desejo dizer-lhe duas palavras.

JOÃO CARLOS

Que quer você? Fale.

GIOVANNINA

Perdôe-me. São coisas muito serias para mim... Ponderei longamente e ...

JOÃO CARLOS

Continue. Escuto-a com todo o interesse.

GIOVANNINA

Quando meus pobres pais falleceram e vim aqui ter, eu não tencionava por fórma alguma, creia, me demorar em sua fazenda. Vim quasi machinalmente; ou antes, naquella terrivel conjunctura, vendo-me com meu irmão só no mundo, lembrei-me, Sr. João Carlos, allucinada, sem reflectir, das suas generosas palavras, ao nos despedirmos, e voltei, assim, a esmo, ignorando como e porque... Voltei, — desculpe-me,—á similhança do naufrago que, no embate das ondas, agarra-se ao primeiro objecto que se lhe depara, sem cuidar da natureza desse objecto,

nem medir as consequencias do movimento.

JOÃO CARLOS

Você fez bem voltando. E depois?

GIOVANNINA

Meu projecto ao partir—Deus o sabe,—era simplesmente afastar Luigi da cidade, e, ao chegar, soccorrer-me do seu patrocinio, Sr. João .Carlos, afim de me obter em outra qualquer parte uma occupação compativel com as minhas forças.

JOÃO CARLOS

Porque, porem, não cogitava de arranjar aqui mesmo essa occupação?

GIOVANNINA

Aqui, não. Não me podia convir. Sem meus pais, como trabalhar na roça? Dentro de casa, o senhor comprehende, não era possivel. Mas, chegando, encontrei a Sra. D. Clara, sua mãi, gravemente doente. Tomei a mim tratar della

pois não se ageitava com a gente que a servia. Empenhei no cumprimento desse dever minha melhor vontade até que a Providencia foi servida chamar a si a boa senhora...

JOÃO CARLOS

Você mostrou uma caridade, um desvelo, uma dedicação sem limites. A mais extremosa das filhas não dispensaria á minha mãi os carinhos que você lhe dispensou. Aturou as impertinencias exquisitices da pobre velha com inexcedivel paciencia. Graças a isso, ella teve um fim de vida mais suave. São obsequios que não sei como pagar.

GIOVANNINA

O Sr. João Carlos exagera. Tratando da Sra. D. Clara, eu me recordava da minha santa mãi fallecida pouco antes tão de subito que de nada lhe pude prestar. Foi-me quasi uma consolação.

JOÃO CARLOS

Não é só isto. Você assumiu, in-

sensivelmente, pela serena imposição do seu prestigio, o governo da casa, que andava em plena desordem, por causa da molestia de minha mãi. Restabeleceu a economia e o methodo, empregando uma doçura, a par de uma firmeza incomparaveis. Eu havia perdido a cabeça. Você substituiu-me em meus encargos. Nunca os colonos e camaradas lidaram aqui com pessoa a quem respeitassem e estimassem tanto. Você constituiu-se, durante cerca de um mez, a mais activa, a mais meiga, a mais intelligente administradora que ainda existiu. Bemdito o momento em que regressou!

GIOVANNINA

O Sr. João Carlos exagera cada vez mais. Eu vinha da cidade com o coração dilacerado. Procurei distrail-o, trabalhando. E tentei tambem compensar até certo ponto com os meus serviços a benevola hospitalidade que o senhor concedeu a meu irmão e a mim. Mas

presentemente tudo muda de figura. Venho pedir licença para me retirar hoje mesmo d'aqui.

JOÃO CARLOS

Retirar-se?! Porque?! Para onde?...

GIOVANNINA

Depois da morte da Sra. D. Clara, não me é licito permanecer nesta casa. Desappareceu a explicação de minha presença. Esperei alguns dias até que o senhor recuperasse a calma. A vida habitual restabeleceu-se. Não devo adiar a partida.

JOÃO CARLOS

Mas, ao contrario, hoje você é mais necessaria do que nunca.

GIOVANNINA

Perdão, Sr. João Carlos. Falemos como duas pessoas honestas e leaes, com inteira lisura. Não sou uma ingenua, cheia de illusões. As cruezas da vida, a morte de meus pais me conferiram prematura experiencia.

O senhor é moço, solteiro e está só neste casarão. Com que titulo me conservarei eu ao seu lado? O senhor é tão intelligente e tão justo que me entende, e, no fundo, me acha razão.

JOÃO CARLOS

Ficarà junto a mim como minha empregada. Sou de todo independente. Na fazenda predomina a minha vontade absoluta. Que me importa o resto do mundo?! Não tenho que dar nem dou satisfações a ninguem.

GIOVANNINA

Não é assim ... não é assim ... A gente vive a dar satisfações aos outros e a si proprio. Nem se trata do senhor só. Quanto a mim, a minha consciencia, a recordação de meus pais, a responsabilidade para com Luigi me prescrevem severas obrigações. Não imagina quanto soffro quando ouço ditos equivocos e percebo olhares maliciosos

á minha passagem. Muitas vezes, chego a me arrepender de ter voltado. Deixe-me partir, por quem é.

JOÃO CARLOS

E para onde projecta ir?

GIOVANNINA

Informaram-me de que na fazenda do Dr. Silva, d'aqui a seis leguas, precisam de uma criada para crianças. Irei para ahi, e, si não me quizerem ou não me convier, tomarei novo rumo. No interior do Brazil, em toda a parte se encontra agasalho e não falta serviço a quem o pede sinceramente.

JOÃO CARLOS

Esse Dr. Silva é um bruto... Tem uma dezena de filhos que ninguem supporta, uma mulher impossivel...

GIOVANNINA

A Santa Madona me concederá resignação.

JOÃO CARLOS

E se partir, levará Luigi ?

GIOVANNINA

Sem duvida; elle é o meu cavalheiro.

JOÃO CARLOS

Mas é absurdo... é absurdo... Você vai prejudicar a seu irmão, que está encaminhado. Manifesta extraordinario geito para machinas. Já ajuda o machinista, já presta bons serviços, já ganha. D'ali sairá um homem de pulso, si não seguir outra vereda. Porque interromper-lhe a carreira, sacrificar-lhe o futuro? !

GIOVANNINA

Docil e trabalhador como, mercê de Deus, me parece que realmente elle é, em qualquer ponto irá por diante. Querido Luigi! Não o posso deixar. Sou-lhe mais do que irman, sou-lhe mãi, sou-lhe toda a familia.

JOÃO CARLOS

E' então inabalavel a sua resolução de partir?!

GIOVANNINA

Costumo pensar muito antes de prometter ou fazer alguma cousa. Mas, adoptado um proposito, sigo avante sem hesitação.

JOÃO CARLOS

E me desampara, e me abandona ... Não tem remorsos, não tem pena de mim, tão desgraçado, tão só?...

GIOVANNINA

Desejo ardentemente a sua felicidade. Mas não posso, não devo ficar. Demasiado prolongada vai a nossa conversa. Perdão ...

JOÃO CARLOS

Você não me estima, Giovannina?

GIOVANNINA

Estimo-o, sem duvida, como todos que o conhecem. O Sr. João Carlos

disse ha momentos que me devia algum reconhecimento pelo modo como tratei da Sra. D. Clara. Pois só ha um meio de provar a sinceridade das suas palavras.

JOÃO CARLOS

Aponte-o.

GIOVANNINA

Não insistir neste assumpto, não violentar a minha vontade, permittir que eu parta sem mais demora.

JOÃO CARLOS

Ainda não ajustamos as nossas contas. Você e Luigi são credores meus de não pequena quantia.

GIOVANNINA

Em breves minutos se ajustam. Pouco é. Não sou pobre soberba. Receberei o meu salario e o de meu irmão, pórem só o salario.

JOÃO CARLOS

Mais nada? E si eu quizer...

GIOVANNINA

Desejo me desculpe uma ordem que dei, sem o ouvir, usando de um resto da autoridade que usurpei durante a molestia da Sra. D. Clara. Tendo como certa a partida, mandei que me apromptassem dois animaes e um camarada. D'aqui até onde tenciono pernoitar é longe, o sol está forte e os caminhos maus.

JOÃO CARLOS

E si eu os retivesse à força, si não fornecesse os animaes? Você não ignora que sou o poder absoluto da fazenda. Com um gesto, impedirei a partida.

GIOVANNINA

O Sr. João Carlos não procederá dessa fórma. Seria um abuso, uma indignidade, e eu tenho certeza de que o senhor é incapaz da mais insignificante acção má. Já me declarou que não conserva ninguem a contra gosto na

fazenda. Confio tanto na sua lealdade que, emquanto o senhor prepara as contas, vou lá dentro fazer as minhas despedidas. Luigi não tarda. Convem que partamos antes que o sol aperte. Com licença ... (*Dirige-se para a porta*).

JOÃO CARLOS

Giovannina... Giovannina...

GIOVANNINA

Que ordena?

JOÃO CARLOS

Da outra vez que você partiu, arrependeu-se e voltou.

GIOVANNINA

Mais me arrependeria hoje, se ficasse. Não deveria ter voltado. Agora, juro, será definitivo.

JOÃO CARLOS

Ouça, Giovannina, ouça. Eu sou um descontente da vida, um desassocegado, um infeliz. Meu pai era um excellente homem, mas de espirito es-

treito, todo entregue a um aspero trabalho material que o inhibia de se occupar com a familia. Foi elle quem desbravou neste lugar a mata virgem e plantou os cafezaes. Minha mãi—conheceu-a—era um coração de anjo; possuia, porem, ideias preconcebidas, prevenções, certa altivez que a tornavam rispida e secca para quasi todos. Tive irmãos e irmans, mas falleceram. Nunca os comprehendi, nem elles me comprehenderam. Absoluta incompatibilidade de genios entre nós,— elles trefegos, emprehendedores, positivos; eu, sonhador, pouco propenso á acção. Passei a infancia no meio de brenhas, isolado, timido, soturno, destituido de carinhos e affeições. Por iniciativa propria, já adolescente, parti para cidade a fim de estudar. Durante quatro annos, cursei aulas, li, aprendi o que pude, pois me estimulavam vagas aspirações, Nisto, morre meu pai de repente, e com pequeno intervallo, o irmão que me res-

tava. Minha mãi ficou só comigo na terra. Parentes e amigos, o genio de meus pais os arredara. Fui obrigado a deixar os estudos e assumir a direcção da fazenda. Era uma quadra difficilima. Decretara-se de chofre a abolição do captiveiro, desorganizando todos os serviços agricolas. Meu pai confiando em que a negra instituição se perpetuaria, nada apparelhara para attenuar o golpe, e, sacando ousado sobre o futuro, contrahira onerosas dividas. Vi-me de um dia para outro a braços com enormes responsabilidades, inexperiente, desprovido de vocação e de gosto para a profissão de lavrador. Não imagina quanto lutei, o que padeci, contrariando a minha indole, torcendo ou suffocando as minhas ambições! Segreguei-me do mundo, absorvido por trabalho que me repugnava. Que extraordinario esforço para não arriar a carga, desanimado! Quanta revolta heroicamente supplantada em silencio, quanto sacrificio obscuro e

terrivel! Afinal, a pouco e pouco, as coisas melhoraram. A gente com o tempo afaz-se ao que mais lhe custava em principio. Ha annos, vivo aqui sem amigos, sem relações, a labutar. Materializei-me, matei á mingoa os meus sonhos. De quando em quando, entretanto, recaindo nas antigas velleidades, percorro algum livro de sciencia e de arte. Vencendo reluctancias de minha mãi, consegui introduzir emigrantes na fazenda, inaugurei novos methodos de trabalho. Depois das primeiras lévas, veio você. Eu suppunha que os emigrantes fossem, sem excepção, brutos, sujos, ignorantes. Você causou-me verdadeira surpreza; foi-me aprasivel revelação de um universo desconhecido. A lidar com você, experimemtei sensações incognitas de doçura e bem estar intimo. Pareceu-me que encontrava emfim uma alma afinada pela minha, susceptivel de me entender. Mas pouco durou essa felicidade. Quando, pela pri-

meira vez, me atrevi a declarar a você o que sentia, você offendeu-se e retirou-se. Soffri immensas saudades... immensas saudades... Animava-me, porem, o presentimento de que você voltaria. Voltou, de facto, como um enviado da Providencia, em amargurosa crise. Por novos titulos, aprofundou a minha gratidão e o meu affecto. Tornou-se insubstituivel na fazenda. E agora, de subito, quer retirar-se outra vez desamparando-me, de novo, a mim orphão como você, a mim mais desgraçado talvez, porque não me avigora a sua calma, a sua conformidade com a sorte, a sua doce coragem. Fique, Giovannina. Reflicta: não é razoavel, não é justo o que tenciona praticar. Tenha dó de mim. A existencia sempre se me antolhou dura ou insipida. Nunca amei e nunca fui amado. Conheço apenas do amor ligações ephemeras com criaturas subalternas que me levaram a duvidar desse sentimento, attribuindo-o

a méra ficção poetica. Ignoro, confesso (e veja quanto sou leal) si o que você me inspira é amor. Mas lhe asseguro, com a maxima franqueza, com todas as forças secretas do meu eu, que ser-me-ia, além de util, em extremo agradavel vel-a a meu lado, a toda hora, prestando-me o seu concurso, auxiliando-me, velando por meus interesses, aconselhando-me, distraindo-me, suavisando-me os desalentos ao influxo da sua meiguice, confortando-me à luz da sua fé, pondo, em summa, uma nota de encanto, de novidade, de elevação na minha vida tão rasteira e monotona. Não parta, Giovannina, não parta...

GIOVANNINA

Não, Sr. João Carlos, o justo, o razoavel, o sensato é que eu parta sem demora. Depois do que acaba de dizer, a minha permanencia seria uma imprudencia, um perigo para o senhor e para mim. Podia parecer até uma especulação.

bio ao patibulo com inaudito cynis mo, pregando até ao derradeiro mo mento os seus hediondos principios.

GIOVANNINA

Não era nem um assassino, nen um bandido, nem um louco, porém nma grande alma allucinada pela ambi ção de justiça e revoltada contra as ini quidades sociaes. Errou e muito, mas tinha os mais nobres designios aos quaes, como um martyr, sacrificou a vida.

JOÃO CARLOS

Pois você defende assim um scelerado ?! Conheceu-o ?

GIOVANNINA

Gualtiero é meu irmão, meu querido e saudoso irmão.

JOÃO CARLOS

Não é possivel ! Como é que do mesmo ventre sahiriam seres tão dissimilhantes : um—a ordem, a disciplina,—

outro—a revolução desesperada; um—a bondade, a ternura personificadas,—outro a intolerancia feroz.

GIOVANNINA

Gualtiero é meu irmão e não me envergonho disso. Já vê o Sr. João Carlos que não póde conviver com a irmã de um louco facinora, que a sociedade supprimiu. Adeus.

JOÃO CARLOS

Ao contrario, Giovannina. Essa revelação reveste você a meus olhos de novo condão. Quem sabe si não ha no que occorre compensações providenciaes? Gualtiero combatia a propriedade, você contribuirá para que ella se consolide e prospere; Gualtiero repudiava a familia, você formará uma grande familia, talvez.

GIOVANNINA

O Sr. João Carlos julga que me offendeu e quer agora, com a costumada

delicadeza, amortecer o effeito das suas primeiras expressões. Agradecida.

Não me illudo. Essas primeiras expressões são as unicas sinceras, as verdadeiras. E partem de um espirito, como o seu! Imagine do dos outros! Que remedio? Constituem a explosão natural e espontanea do modo de pensar geral. Recalquem-n'a quanto quizerem: rebentarà na primeira opportunidade. Adeus. Em poucos minutos partirei.

JOÃO CARLOS

Faremos Luigi de tal sorte que apagarà Gualtiero.

GIOVANNINA

A' primeira falta que praticar, lançar-lhe-ão em rosto que é irmão de um assassino.

JOÃO CARLOS

Nada a demove! Sim! E' melhor que parta desde que me não ama!

GIOVANNINA

Adeus!

Retira-se. João Carlos arroja-se á rede e balança-se com impeto.—Luigi entra.

LUIGI

Com licença, Sr. João Carlos. Vim despedir-me do senhor e agradecer as suas bondades.

JOÃO CARLOS

Estás tambem decidido a partir?

LUIGI

Eu, por mim, passaria aqui a vida toda. Mas Giovannina deliberou partir; só me resta acompanhal-a.

JOÃO CARLOS

Porque não a dissuadiste?

LUIGI

Ella sabe mais do que eu. Obedeço sempre.

JOÃO CARLOS

Giovannina é uma ingrata, sem coração!

LUIGI

Oh! Sr. João Carlos! Que injustiça! Giovannina é a mais santa das criaturas.

JOÃO CARLOS

Bom. Partam quando quizerem. Nem preciso ver mais Giovannina. As contas de vocês são estas. (*Consulta os livros commerciaes e entrega dinheiro a Luigi*). Dê-lhe isto. Estamos quites. Passem muito bem.

LUIGI

Adeus, Sr. João Carlos. (*Sai*)

João Carlos prepara vagarosamente um cigarro. Ao accendel-o, fica a olhar parado para a chamma do phosphoro até que ella expire. Põe-se a fumar, deitado na rede, os olhos pregados no tecto.

Decorre um quarto de hora. Sôa no terreiro tropel de animaes. João Carlos ergue-se de um salto; e, occulto atraz da janella, vê partirem Giovannina e Luigi.

Arremessa-se á rede, fecha as palpebras e queda immovel, o cigarro apagado entre os dedos.

UM MOLEQUE (*entrando*)

O almoço está na mesa.

João Carlos não o ouve. Continúa immovel na mesma postura. Passa-se o tempo. O sol invade o aposento. O moleque volta duas, tres vezes, repetindo inutilmente: «o almoço está na mesa».

Apparece, por fim, um preto velho, arrastando os pés, physionomia folgazona, carapinha entremeada de branco.

O PRETO

Nhô João Carlos, o almoço está esfriando. Accorda, nhô João Carlos, accorda.

JOÃO CARLOS

Não estou dormindo. Deixe-me em paz.

O PRETO

Eh! nhô João Carlos. Pai Joaquim precisa falar. Pai Joaquim é muito velho, mais ainda que sinhô-velho, pai de nhô João Carlos. Ajudou sinhô-velho a derrubar mato para criar esta fazenda. Apanhou muita surra de bacalháu, dormiu muita noite no tronco, promóde cachaça. Mas pai Joaquim é amigo da casa e da gente, tanto que não saiu, como os outros parceiros, quando tudo virou fôrro. Pai Joaquim ha de morrer, aqui, se Deus quizer.

JOÃO CARLOS

Que deseja você? Um pouco de pinga? Olhe que a pinga faz mal.

O PRETO

Deixa pai Joaquim falar, nhô João Carlos. Eu vi mecê pequenino. Armei muita arapuca, arranjei muito bodoque, cacei muito passarinho para mecê. Mecê sempre triste e mofino. Mas agora tristeza dobrou e está machucando coração de pai Joaquim.

JOÃO CARLOS

Obrigado, meu velho. Não estou triste; engana-se.

O PRETO

Deixa pai Joaquim falar. A italiana inchou a cabeça de nhô João Carlos e nhô João Carlos não tem geito sinão casando com a italiana.

JOÃO CARLOS

Que italiana? Giovannina? Ora essa! Não passa de uma colona espevitada, cheia de luxos e de partes.

O PRETO

Deixa pai Joaquim falar. Nhô João Carlos gosta della e ella gosta de nhô João Carlos. Toda a gente enxerga isso. Vai atraz della e casa com ella, nhô João Carlos.

JOÃO CARLOS

Você está doido! Uma estrangeira... uma emigrante. Sabe lá o que existe na familia della? Consta-me que teve um irmão muito ruim.

O PRETO

Deixa pai Joaquim falar. Pai Joaquim tambem é estrangeiro, da costa d'Africa. O avô de nhô João Carlos era estrangeiro, de Portugal. Nesta terra, só não é estrangeiro o indio. A mesma arvore dá uma fructa boa, outra que não presta; esta san, aquella com bicho. E quando a gente gosta de uma pessoa e a pessoa é boa e bonita, é quanto basta, não precisa olhar mais nada. Casa com ella, nhô João Carlos.

JOÃO CARLOS

E si ella não consentir?

O PRETO

Quando um homem quer bem devèras a uma mulher, faz a mulher querer bem ao homem tambem. A coisa é ser devéras... devéras... Sendo devèras vence tudo.

JOÃO CARLOS

Está direito. Vou almoçar, que é tarde. E você, diga na venda, em meu nome, que lhe dêem um copo de cachaça. E' só o que pai Joaquim aprecia, essa immundice de cachaça, embora lhe cause mal.

O PRETO

Não fala de cachaça, nhô João Carlos. No tempo do captiveiro, cachaça me punha livre ás vezes um dia todo. Hoje pai Joaquim está forro, mas é velho, fraco, macambuzio, e cachaça me faz moço, forte, dando cada risada

de meter inveja. Todos tem sua cachaça. E' até peccado botar fóra a que a gente encontra. Casa com a italiana, nhô João Carlos.

JOÃO CARLOS

Onde aprendeu você estes conselhos, esta philosophia?

O PRETO

Philosophia?! Que diacho é isso? Pai Joaquim tem vivido muito, pai Joaquim tem padecido muito. E preto tambem pensa, nhô João Carlos....

QUADRO OITAVO

Vai em seu auge o banquete na espaçosa sala de jantar da fazenda. Compõe-se a maior parte dos convivas de fazendeiros da vizinhança,—gente singela e intelligente, rostos requeimados, mãos calosas, physionomias abertas, trajos domingueiros e desageitados.

Quasi toda masculina a assembléa. Algumas senhoras, de farfalhantes vestidos claros, não sentam-se á mesa. Preferem dirigir de fóra o serviço, em continuas idas e vindas á cozinha, petiscando aqui e ali.

Sobre a grossa toalha anilada campêa extraordinaria profusão de iguarias, simultaneamente ostentadas em travessas e terrinas colossaes. Ha alimento para o dobro das pessoas ali reunidas: leitões inteiros com o corpo condecorado de rodelas de limão, fixadas por meio de palitos; perús, o papo transbordante de farofia; pratos e pratos de arroz de forno, pontilhado de azeitonas; hervas á mineira, coroadas de linguiças; lombos de porco; quartos de carneiro; enormes empadas trazidas nas proprias caçarolas.

Os criados,—moleques e crioulas, as carapinhas em pomposos topetes,—gyram tontos, em jovial azafama, mal podendo discriminar as ordens e chamados que recebem ao mesmo tempo de todos os lados. Corre abundante o vinho de bojudos garrafões.

Ao lado da mesa principal, estende-se outra carregada unicamente de doces: copioso arsenal de compoteiras, bandejas, canequinhas, tigelas, contendo mil delicados productos de assucar, combinado com ovos, leite, côco, fubá, polvilho, frutas, —e dispostos em massas florejadas, caldas, pyra-

mides elegantes, bolos variegados de uma infinidade de fórmas e tamanhos, pasteis e figurinhas allegoricas.

Come-se com prodigioso appetite. Cada pessoa tira o que lhe apraz, á vontade, erguendo-se constantemente, saindo do seu lugar, gracejando, falando alto, rindo ás gargalhadas, Vivas. *hips* e *hurrahs* estrondeiam de minuto em minuto. Já houve brindes cantados, entoando um dos circumstantes coplas allusivas á festa, que os mais secundam em côro. Outros, jocosos, emittem por vezes repetidas as primeiras syllabas de um vocabulo estrambotico que os companheiros completam, gritando. Paí Joaquim foi levado bebedo para dentro.

Reinam a franqueza, a confusão, o alarido, excessiva fartura, absoluta falta de cerimonia ou constrangimento,—a alegria sob a sua manifestação mais espontanea e ruidosa—algo brutal.

Na cabeceira, João Carlos, todo de preto e gravata branca, está sentado ao pé de Giovannina, toda de branco. Conservam-se graves, tocando apenas nos pratos, a sorrirem distrahidos, como num sonho, emquanto a elles se dirigem quasi exclusivamente olhares e saudações.

Luigi, de roupa nova em folha, não descança, auxiliando o serviço. Offerece victualhas e vinho a todos os circumstantes, excitado, communicativo, nadando em prazer.

UMA VOZ

Quem trincha o perú?

OUTRA VOZ

Moleque, vai buscar mais um pedaço de leitão. Do tostado, ouviu?

OUTRA VOZ

Você gosta de tutú de feijão e de linguiça apimentada. Tome là.

OUTRA VOZ

Passe para cá o pernil. Não dê cabo delle sosinho, gente.

OUTRA VOZ

Você não come, seu Manduca. Está doente ou apaixonado?

OUTRA VOZ

Estou que nem uma sucuriú, quando engole um boi.

OUTRA VOZ

A' saude do sympathico Luigi, o italiano que, sem duvida, ha de ser um bom brazileiro!

TODOS, *gritando*

Viva! Viva! Hip! Hip! Hurrah!... Hurrah!

UM CONVIVA

Então, Luigi, estás satisfeito?

LUIGI

Não caibo em mim. Nem sei exprimir.

O CONVIVA

Não sentes mais fome?

LUIGI

Na fazenda o perigo não é morrer de fome, mas de indigestão.

O CONVIVA

E quando voltas para a Italia?

LUIGI

Só quando for fazendeiro e rico bastante para passeiar, porque só irei lá a passeio.

O CONVIVA

Então viva João Carlos, viva D. Giovannina!

LUIGI

Viva! Viva! Viva!

No meio do barulho, um grupo permanece mais circumspecto. Formam-n'o os homens importantes dos arredores, influencias politicas: — o vigario, o medico, o promotor publico. Desse grupo tem saido calorosos discursos, estrepitosamente applaudidos.

UM DOS DO GRUPO

Ainda me parece um romance! Quem diria que uma italianasinha, pobre emigrante, sem nada valer, presidiria esta funcção, como dona da casa.

O VIGARIO

Bem diz o rifão: *casamento e mortalha no ceu se talha.*

OUTRO CONVIVA

Foi mesmo um romance: acabou em casamento, como todos os romances e comedias.

O PROMOTOR

Do casamento nasce a familia e a familia é a base da sociedade. Todas as peripecias e aventuras da vida tem por eixo o casamento e a familia.

OUTRO CONVIVA

Você disse, coronel, que a italianasinha nada valia. Engana-se. João Carlos é um felizardo e um maganão. Repare como está bonita. Na mulher a boniteza vale tudo.

O VIGARIO

Vale mais a bondade. Mas D. Giovannina reune os dois predicados. E' a mulher de que João Carlos precisava: tão ponderada, prudente, perseverante quanto elle enthusiasta e temerario um dia,—timido e desanimado no seguinte.

OUTRO CONVIVA

E ninguem poderá affirmar que ella empenhou esforços para que succedesse o que succedeu. Ao contrario, esquivou-se quanto poude.

O VIGARIO

E' verdade! Depois da morte de D. Clara, D. Giovannina saiu da fazenda,

decidida a não mais voltar. João Carlos correu atraz della, sem conseguir demovel-a. Em casa do Dr. Silva, onde em começo empregou-se, ella escondia-se no intuito de evitar as visitas do rapaz. Ante a insistencia deste, partiu para a cidade, sem deixar a menor indicação, arriscando-se a lá morrer, como os pais. João Carlos que, havia annos, não punha o pé na cidade, abandonou tudo e foi-lhe á procura. Gastou mezes em descobril-a. Só ao cabo de um anno de campanha, depois de tenaz resistencia e vencida por tamanhas provas de amor e firmeza, D. Giovannina assentiu, concedendo ao seu pretendente a mão de esposa.

O MEDICO

Aqui entre nós, reverendissimo: talvez essa reluctancia não passasse de estratagema feminino. As mulheres são tão ardilosas!

O VIGARIO

Por aquella boto a minha mão no fogo, doutor. Vejam que desaffectada simplicidade de maneiras, que modestia no seu triumpho! Outra qualquer estaria doida de orgulho... E si o seu procedimento houvesse obedecido a um plano interesseiro, D. Giovannina não carecia soffrer tanto e curtir as necessidades que curtiu, durante a segunda estada na cidade, pois não se ignora que ella enfeitiçara João Carlos desde o primeiro momento, podendo alcançar sem demora o que porventura ambicionasse.

UM CONVIVA

Apoiado! Apoiado! D. Giovannina é a pureza em pessoa. Na sua historia ha um nobre exemplo. Não se envergonha de confessar que apanhou café!

O PROMOTOR

Em todo o caso, é bem original a nossa terra e está passando por singu-

lares transformações. Ha poucos annos pensavamos ser impossivel prescindir do negro e do captiveiro. Quando numa fazenda ousava alguem falar em abolição immediata e sem indemnisação, levava toda a gente as mãos á cabeça, bradando: «Deus nos acuda! Deus nos acuda! E' a ruina total. Nem pensar nisso!» Veiu o 13 de maio, e em consciencia, cumpre confessar que o diabo não se mostrou tão feio quanto se pintava. O lavrador dispensou perfeitamente o trabalho servil e o preto dispensou ainda melhor a protecção dos donos. Não acha, coronel?

O CORONEL

A lavoura prospéra, não resta duvida. Foi de hontem aquelle regimen e parece que vigorou ha seculos! As crianças de agora, quando crescerem, hão de custar a acreditar no que lerem ou lhes contarem os velhos ácerca da escravidão.

OUTRO CONVIVA

E estes estrangeiros! ? Em começo, acreditava-se que eram todos uns vadios, uns insubordinados, uns ladrões, incapazes de se accommodarem aos nossos costumes e ao nosso clima, inhabeis para substituirem os negros nos serviços da lavoura. Pois, meus senhores, hoje em certas cidades do Brazil ouve-se falar mais italiano do que portuguez e não ha fazendeiro que não procure emigrantes. Não chegam para as encommendas. Que venham! Que venham!

A prova do quanto se mudaram as coisas está em que hoje uma italiana uma emigrante toma pé nesta fazenda, como proprietaria, unida em matrimonio ao filho de um dos mais antigos lavradores da localidade. Que diria o pai de João Carlos, tão autoritario, tão conservador, tão inimigo de innovações, que diria D. Clara, tão cheia de prosapias, si assistissem a este espectaculo?

OUTRO CONVIVA

Nada diriam. Regosijar-se-iam, como nós. No Brazil não existem tradições, nem espirito conservador, nem motivos de prosapia. E' um paiz especial, formado de heterogeneos elementos, fadado a raros destinos. Tudo se resolve aqui pelo inesperado e pelo imprevisto. Qual o nosso futuro? Haverà curiosas fusões, productos novos e extraordinarios. Feliz de quem viver d'aqui a cem annos. Serà testemunha de maravilhosas scenas.

OUTRO CONVIVA

Mas, ultimamente, o Brazil tem padecido bastante.

O PRIMEIRO CONVIVA

Expiação talvez por haver tolerado por tão longo prazo o crime da escravidão.

OUTRO CONVIVA

Tem você lido, doutor, nos jornaes essas historias de socialismo, anarchismo, nihilismo, attentados medonhos contra pessoas e propriedades? Parece que a Europa inteira anda contaminada. Não se arreceia você de que com as novidades introduzidas entre nós surjam aqui tambem taes desgraças?!

O PROMOTOR

Nada receio, pelos menos durante demorado periodo. Na Europa, provém esses males do excesso da população, defeituosa distribuição da riqueza e escassez do trabalho. Transfiram-se para cá os descontentes e perseguidos. Aqui, ao inverso do velho mundo, abunda o trabalho, falta gente e ainda não se accumularam fortunas colossaes. Nem se hão de accumular, graças aos nossos habitos e às nossas leis. Eis a solução provisoria do problema social, como o

denominam: a emigração. Repleta a America, tocará a vez á Africa, depois á Oceania, depois... que sei eu?!... Suspeita-se que se estendem mysteriosas regiões habitaveis para além das barreiras de gelo dos pólos... Solução provisoria e imperfeita, digo, como todas as soluções humanas.

OUTRO CONVIVA

Eu cá não entendo, nem me preoccupo dessas coisas. Para mim, o mundo se resume em minha fazenda. Pouco me interessa mesmo o que succede em pontos longinquos do Brazil. Aprecio a profissão de lavrador porque é a mais independente. Tem seus precalços, tem. Mas o lavrador vive tão livre quanto se póde ser. Nas suas terras, o proprietario vale mais do que um rei. O que devia instituir-se era cada fazendeiro administrar justiça por si, em seus dominios, governando como chefe, pai, ministro de Deus, a gente que convi-

vesse com elle, prescindindo de autoridades e regras alheias. Quem não approvasse o regimen, sahisse á cata de melhor.

O PROMOTOR

O compadre quer a reconstituição de uma especie de novo systema feudal. E' a federação levada ao extremo. A ideia já tem sido aventada por mais de um pensador. Quem sabe? Quanta vez o mundo progride voltando atraz!

O MEDICO

Qual! Não nos cancemos em abstracções estereis. A' nosssa terra é grande boa, rica. Aproveitemos a nossa terra. A vida é tão curta que mal dá para se cultivar um cantinho da natureza, quanto mais para architectar castellos no futuro! Cultive cada qual o seu cantinho da melhor maneira,—trate do seu jardim, como aconselhava não me lembra quem. A natureza não sonha, nem formula projectos. Vai indo, tran-

quilla, passiva, eterna, levada das superiores forças inaccessiveis que a regem— forças a que de todo são menos que indifferentes os nossos vãos projectos, sonhos, calculos e ambições.

OUTRO CONVIVA (*gritando da extremidade opposta da mesa*)

Que estão os senhores a matutar, ha cerca de um seculo, nesse grupo sisudo! Hoje não é dia disso. Passa fóra! Abaixo as caras fechadas! Toca a folgar, toca a rir.

OUTRO CONVIVA

Apoiado! Apoiado! Ouçam là:

Noiva formosa
Por teu respeito
Reina a alegria
No nosso peito.

Vive ditosa
Por annos mil
E muitos filhos
Dá ao Brazil.

OUTRO CONVIVA

Viva o cravo, viva a rosa
Viva o jasmim e a bonina,
Viva, viva nhô João Carlos
Viva dona Giovannina!

OUTRO CONVIVA

Yáyá da-me um doce,
Quem pede sou eu:
Yáyá não me attende
Não quer bem a eu.

Andorinha, tico, tico,
Saracura, sabiá,
Passarinho, bico verde,
Meu bemzinho hoje aqui está.

OUTRO CONVIVA

Pirolito que bate, bate,
Pirolito que já bateu,
Quem gosta de mim é ella.
Quem gosta della sou eu.

Prolonga-se o banquete indefinidamente, sempre animado e ruidoso. A febre do regosijo e uma

ponta de vinho produzem excessos: convivas ha que trepam ás cadeiras e á propria mesa para propor certos brindes. Quebram outros os copos, depois de beber.

Fartos da primeira mesa, passam-se á de doces. Nessa, comem de pé, agglomerados, provando de todos os manjares, confeiçoados pelas senhoras, que os offerecem e preconisam. Erguem-se novas saudes, ardentemente correspondidas.

Serve-se, por fim, o café. A assembléa se dispersa pela casa. Fumam os homens fortes cigarros.

Senta-se então á mesa segunda turma de convidados, que esperavam por lugar. Satisfeita esta segunda turma, vem terceira, e quarta, sem que diminúa a prodigalidade dos alimentos, trazidos da inexgotavel cozinha. Verdadeira multidão se abarrota, dividida em séries, até muito tarde.

Fóra, os negros e colonos da fazenda organizaram nos terreiros original illuminação de lamparinas, accesas em cascas de laranjas partidas ao meio. Accenderam tambem, mais longe, altas fogueiras, onde assam batatas e milho em espigas, e sobre cujas labaredas dão saltos, em apostas de qual attinge maior distancia. Ao som de violas e sanfonas, batucam e cantam. Botijas de cachaça andam de mão em mão. E' um vasto côro constante de gargalhadas e interjeições de prazer.

Mas a geral alegria parece loucura quando em dois mastros iguaes, arvorados em frente da casa, içam ao mesmo tempo a bandeira brazileira e a italiana. Delirante mó de gente rodeia os mastros, em acclamações freneticas, agitando os lenços e os chapéos, batendo palmas, saudando João Carlos e Giovannina. Soltam-se foguetes, estouram minas de polvora, repicam sinetas e campainhas. Os noivos apparecem á porta agradecendo, o que redobra o enthusiasmo.

Passa-se assim a noite. E' quasi madrugada. Convivas que moram perto retiram-se a cavallo, levando como lembrança da festa embrulhos de doces. Outros, que pernoitam na fazenda, procuram os seus aposentos onde numerosas camas

lembram o dormitorio de um collegio. Um grupo de rapazes decidem não se deitar. Persistem na sala e nos terreiros, a cantar modinhas e lundús, narrando anecdotas, fumando e bebendo.

Mas, pouco e pouco, o barulho e a agitação entram a arrefecer. Nas mesas abandonadas só restam pratos servidos e garrafas vasias. Agonisam as luminarias. Já se não sublevam as fogueiras em flammas arrojadas, mas escabujam em curtos e rasteiros lampejos de um fogo pallido. Gallos cantam. Baixam do espaço celeste um frescor, um apaziguamento, um convite ao repouso suavissimos.

Encostada a uma janella do quarto nupcial, Giovannina immovel fita o firmamento, marchetado de estrellas, espertas ainda. João Carlos, depois de transmittir as ultimas ordens, fecha a porta, approxima-se della sorrateiro e lhe cinge a cintura.

JOÃO CARLOS

Estás triste, Giovannina?

GIOVANNINA

Eu? triste?! Temo expirar de jubilo.

JOÃO CARLOS

Em que scismas então?

GIOVANNINA

Em meu desgraçado irmão, em meus pobres pais. Porque motivo elles soffreram tanto, ao passo que eu sou tão venturosa?

JOÃO CARLOS

Naceste sob melhores auspicios, ou antes, mais apparelhada para a lucta. Eras mais forte: venceste.

GIOVANNINA

Mais forte, eu?! Tão fraca... Tão miseravel.

JOÃO CARLOS

Tinhas a teu favor, em primeiro lugar, a belleza, que é a suprema força. Depois, a calma, a perseverança, a meiguice, tantas outras armas infalliveis... Superam-se com ellas quaesquer obstaculos.

GIOVANNINA

Sois suspeito, meu amavel senhor, sois muito suspeito. Mas enganais-vos. Ha enigmas na sorte dos seres. Porque razão, nascendo todos iguaes, emquanto uns padecem, outros gozam; a uns tudo é facil, contra outros tudo conspira?

JOÃO CARLOS

Hei de mostrar-te uns livros de sciencia que explicam isso: sobrevivencia dos mais aptos, accommodação ao meio... Porém, por Deus. Não é hora nem occasião de tratar de taes assumptos. O leito nos chama. Vamos.

GIOVANNINA

Perdão á minha ignorancia. Mas os seus livros de sciencia nada explicam. Ha sempre um mysterio em nossos fadarios. Porque surgem uns armados para a lucta e outros não?!

Uma estrella cadente delinea na amplidão um traço de luz.

JOÃO CARLOS

Faze depressa um voto, Giovannina. Dizem que feito em presença de uma estrella cadente, com certeza se realiza.

GIOVANNINA

Tornar-te feliz — eis o meu unico voto.

JOÃO CARLOS

Depende somente de ti.

GIOVANNINA

Se depender, sel-o-as como mortal algum ainda o foi.

JOÃO CARLOS

E então ?

GIOVANNINA

Gualtiero dizia que os antigos consideravam o destino a divindade superna, cega e insuperavel. Homens e deuses curvavam-se ao seu imperio.

JOÃO CARLOS

As divindades antigas morreram. Ha quem affirme que a noção moderna de lei corresponde à idéa antiga de destino: tudo predeterminado, o encadeamento indissoluvel dos factos, a demarcação indestructivel das coisas. As divindades antigas morreram... Subsiste apenas uma, que é immortal e de todas as religiões.

GIOVANNINA

Qual?

JOÃO CARLOS

E' o Amor, minha amada. E' o Amor que nos ordena cerremos a janella e nos recolhamos. Amas-me, Giovannina?!

GIOVANNINA

Amo-te tanto... tanto... que sinto medo ante a immensidade do meu amor. Nasci num canto da Italia de proposito para vir te amar. Apezar do tempo e da distancia, o primeiro vagido da minh'alma foi um anceio inconsciente por ti.

JOÃO CARLOS

Vem, minha adorada, minha esposa, meu primeiro, meu unico, meu infinito amor. Vem. Amemo-nos... Amemo-nos... Amar é mais que viver. Ame-

mo-nos... Que vale, que importa o mais?!...

Entrelaçados, beijando-se, encaminham-se para o leito...

Novas estrellas cadentes riscam o firmamento. D'onde vêm ellas? Para onde vão?! Germens de astros? Almas penadas? Estilhaços de olympicas catastrophes? Fogos fatuos do cemiterio dos mundos?!...

Terra, ceus, corações, porvir — mysterio... mysterio ...

FIM

Alto da Serra (Petropolis) Janeiro a Abril de 1896.

ERROS PRINCIPAES

Pag. 77 — 6ª linha — onde se lê : — « *Recorda-te de como te tratou* » — leia-se : — « *Recordas-te de como te tratou.* »

Pag. 79 — 10ª linha — onde se lê : — « *Ruidos indistinctos e esboçam-se* » — leia-se : « *Ruidos indistinctos esboçam-se.* »

Pag. 120 — 23ª linha — onde se lê — « *Imagem de santos* » — leia-se : — « *Imagens de santos.* »

Pag. 137 — 16ª linha — onde se lê : — « *e passam falando* » — leia-se : — « *passam falando.* »

Pag. 145 — 18ª linha — onde se lê : — « *Tão meiga, tão pura, não te conheço mais !* » — leia-se : — « *Tão meiga, tão pura... Não te conheço mais !* »

Pag. 158 — 17ª linha — onde se lê : — « *extenos* » — leia-se : — « *extenso* ».

Na mesma pagina — 21ª linha — onde se lê : — « *coruchéo* » — leia-se : — « *coruchéo.* »

Ha muitos outros de facil correcção.

NOTA

Quando compoz este trabalho,—que não é nem um romance, nem um drama, mas timido ensaio symbolista, — não conjecturava o autor que as relações entre o Brazil e a Italia chegassem á situação critica dos ultimos tempos.

O entrecho de *Giovannina* é inspirado pela emigração deste paiz e se resume no consorcio de uma italiana com um brazileiro.

Os recentes acontecimentos, que o autor deplora, collocando-se ao lado dos que mais ardentemente pugnam pelos brios da sua Patria, tornaram talvez inopportuna a publicação da obra, mas em nada alteraram o pensamento d'onde ella se originou.

O autor, a despeito de tudo, continúa a acreditar que a prosperidade e a gloria do Brazil dependem da fusão dos bons elementos indigenas com outros bons elementos vindos de fóra, preponderando os primeiros, porém sendo indispensaveis os segundos. Acredita tambem que constitue um serviço propagar pelos meios suggestivos da arte essa convicção.

Com tal intuito escreveu *Giovannina*.

Muito feliz se julgará se o seu humilde esforço contribuir, de modo insignificante embora, para que as idéas de paz, confiança reciproca e intima solidariedade reinem sempre e indestructivelmente entre todos quantos vivem e trabalham no sólo nacional.

Alto da Serra (Petropolis), 2 de Setembro de 1896.

INDICE

	PAGS.
Dedicatoria	5
Quadro Primeiro	7
Quadro Segundo	37
Quadro Terceiro	61
Quadro Quarto	95
Quadro Quinto	123
Quadro Sexto	151
Quadro Setimo	173
Quadro Oitavo	229
Nota	230
Errata	231
Obras de Affonso Celso	232

OBRAS DE AFFONSO CELSO

PRELUDIOS	(esgotad
DEVANEIOS	»
TELAS SONANTES	»
CAMÕES	»
POEMETOS	»
DISCURSOS PARLAMENTARES	»
VULTOS E FACTOS, no prelo os 7º, 8º e 9º milheir	
MINHA FILHA, 1 vol. broc. 3$, enc.	5$00
O IMPERADOR NO EXILIO, 1 vol. br. 3$, enc.	6$00
LUPE (5º milheiro), 1 vol. broc. 3$, enc.	5$00
NOTAS E FICÇÕES, 1 vol. broc. 3$, enc.	5$00
RIMAS DE OUTR'ORA, 1 vol. broc. 3$, enc.	6$00
UM INVEJADO, 2 vols. brocs. 6$, encs.	10$00
GUERRILHAS, 1 vol. broc. 4$, enc.	6$00
AOS MONARCHISTAS, 1 vol. broc.	1$00
CONTRADICTAS MONARCHICAS, 1 vol. broc.	2$50
GIOVANNINA, 1 vol. broc. 3$, enc.	5$00

NOTA.—Qualquer d'estes volumes póde se enviado pelo correio, a quem mandar a sua in portancia em carta registrada ou vale posta accrescendo para porte e registro 10 %, dirigind os pedidos a

DOMINGOS DE MAGALHÃES

LIVRARIA E TYPOGRAPHIA MODERN

126 Rua do Lavradio 126

Stanford University Libraries
3 6105 124 449 708

PQ
9697
A29G5

Stanford University Libraries
Stanford, California

Return this book on or before date due.